

Ministério da Saúde

**FIOCRUZ**

**Fundação Oswaldo Cruz**



ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA  
SERGIO AROUCA  
ENSP

Lucas Suisso de Oliveira

**Trabalho rural e suicídio:** uma revisão da literatura brasileira nos últimos 20 anos

**Rio de Janeiro**

**2024**

Lucas Suisso de Oliveira

**Trabalho rural e suicídio: uma revisão da literatura brasileira nos últimos 20 anos**

Trabalho de Conclusão de Residência apresentado ao final do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde do Trabalhador da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, da Fundação Oswaldo Cruz, como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Saúde do Trabalhador.

Orientadora: Dra. Luciana Gomes

**Rio de Janeiro**

**2024**

Ficha catalográfica

O48t Oliveira, Lucas Suisso de.  
Trabalho rural e suicídio: uma revisão da literatura brasileira nos últimos 20 anos / Lucas Suisso de Oliveira – 2024.  
61 f.

Orientador: Luciana Gomes.

Trabalho de Conclusão de Residência (Especialização em Saúde do Trabalhador) – Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Rio de Janeiro, 2023.

1. Suicídio. 2. Trabalhador rural. 3. Zona rural. 4. Agroquímicos.  
5. Saúde do Trabalhador. I. Título.

CDD 23. ed. –

363.11

## AGRADECIMENTOS

Formalmente, gostaria de expressar meu reconhecimento e gratidão ao apoio dos meus amigos, que foram meu suporte nos momentos de tensão e meu porto seguro. Acredito sinceramente que não teria conseguido lidar com o caos sem a presença deles.

À equipe da CST/NUPSS, com quem compartilhei a maior parte do tempo, do conhecimento e da formação em serviço. Nosso “pensar junto” foi fundamental e fez toda a diferença nesses dois anos.

À toda equipe que coordena e impulsiona a residência para frente, nos momentos bons e ruins, meu agradecimento.

Agora, gostaria de deixar registrado um agradecimento especial aos meus pais. Como filho, muitas vezes esperei que eles tivessem todas as respostas e soluções para meus problemas, esquecendo que eles também estão na jornada do existir pela primeira vez, assim como eu. Por vezes, esqueci que são mais do que apenas meus pais; são um homem e uma mulher, com sonhos, desejos e expectativas sobre suas próprias vidas.

Aos 26 anos, me assusto com o tempo que passou e as expectativas de "ser adulto" que caem sobre mim. Imagino meus pais, com 24 ou 26 anos, descobrindo que teriam um filho. Na verdade, dois filhos, em um intervalo curto de tempo. Se estivesse em seus lugares, estaria completamente perdido. No entanto, de alguma forma (com dificuldades e sacrifícios), eles conseguiram.

Refletir sobre eles descobrindo como manter um casamento, sustentar uma casa e educar crianças me traz uma nova sensibilidade e compaixão e compreensão por quem são. Eles deram tudo de si e mais um pouco para que minha irmã e eu tivéssemos tudo para nós e mais um pouco. Dentro de suas possibilidades. Não me cabe julgar ou avaliar suas vidas, mas, se porventura um dia se questionarem se foram bons pais, Rosane e Robson, deixo registrado que sim, modéstia à parte, vocês criaram bons filhos. E se estou aqui escrevendo isso, é graças a vocês. Obrigado.

## RESUMO

Esta revisão da literatura acadêmica abordou a relação entre suicídio e trabalho rural no Brasil, no período compreendido entre os anos de 2003 e 2023. A partir das lentes da Saúde do Trabalhador e das contribuições da Psicodinâmica do Trabalho e da fenomenologia-existencial, a investigação visou identificar os principais fatores associados ao suicídio laboral no meio rural. Para tanto, utilizou-se as bases de dados virtuais SciELO, BDTD e LILACS. Buscou-se a combinação (suicídio) AND (agricultor) OR (trabalhador rural). Ao todo, 24 materiais foram incluídos na análise. Entre os achados, evidenciou-se predominância das regiões sul e centro-oeste, a influência da cultura alemã na região sul, os papéis de gênero no trabalho, o uso dos agrotóxicos no processo de trabalho e as condições de vida e trabalho no meio rural. Reitera-se a importância de novos estudos que buscam abarcar a singularidade da experiência dos trabalhadores rurais em conjunto com as políticas públicas.

Palavras-chave: suicídio, trabalho rural, saúde do trabalhador.

## **ABSTRACT**

This literature review addressed the relationship between suicide and rural work in Brazil, from 2003 to 2023. Through the lenses of Workers' Health and the contributions of Psychodynamics of Work, and existential-phenomenology, the investigation aimed to identify the main factors associated with occupational suicide in rural areas. The virtual databases SciELO, BDTD, and LILACS were utilized. The search terms combined (suicide) AND (farmer) OR (rural worker). In total, 24 materials were included in the analysis. Among the findings, there was a predominance of the southern and midwestern regions, the influence of German culture in the southern region, gender roles in work, the use of pesticides in the work process, and living and working conditions in rural areas. The importance of new studies that seek to encompass the singularity of the experience of rural workers along with public policies is reiterated.

Keywords: suicide, rural work, workers's health

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|  |    |
|--|----|
| <b>Fluxograma 1</b> – Resultado das buscas nas bases de dados.....           | 20 |
| <b>Gráfico 1:</b> Número de publicações encontradas nos últimos 20 anos..... | 22 |
| <b>Gráfico 2</b> : Distribuição regional dos estudos no Brasil.....          | 23 |

## LISTA DE TABELAS

|  |    |
|--|----|
| <b>Tabela 1</b> – Autores/ano, objetivos, abordagem/metodologia e principais resultados dos materiais selecionados para análise..... | 46 |
|--|----|

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| <b>1. INTRODUÇÃO</b> .....  | 9  |
| <b>2. REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....                                 | 13 |
| 2.1 Suicídio.....   | 13 |
| 2.2 Suicídio no trabalho.....                                       | 15 |
| 2.3 Suicídio no meio rural.....                                     | 17 |
| <b>3. METODOLOGIA</b> .....   | 19 |
| <b>4. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....                              | 22 |
| 4.1 Regiões sul e centro-oeste e os altos índices de suicídio.....  | 24 |
| 4.2 Influência da cultura alemã no sul do país: honra e gênero..... | 26 |
| 4.3 Papéis de gênero para além do <i>ethos</i> sulista.....         | 29 |
| 4.4 Agrotóxicos e suicídio.....                                     | 31 |
| 4.5 Condições de vida e trabalho.....                               | 34 |
| <b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....                                | 40 |
| <b>6. REFERÊNCIAS</b> .....   | 42 |
| <b>APÊNDICE 1</b> .....   | 45 |

## 1. INTRODUÇÃO

Em “O Mito de Sísifo”, o filósofo Camus (2008), ao questionar se a vida vale ou não a pena ser vivida, afirma que o suicídio é o único problema filosófico realmente sério. O ato de pôr fim à própria vida não é exclusivo da atualidade, e sim, aparece sob diferentes interpretações e contextos históricos ao longo dos séculos. Conforme recapitula Feijoo (2019), o suicídio não possuía o caráter estigmatizante entre os gregos antigos, filósofos latinos e os hebreus cristãos, uma vez que o ato era encarado como afastamento da vida, morte voluntária e morte racional. A partir da pressão econômica-social e política, o suicídio foi sendo constituído enquanto um problema ao longo da história e adentrando nas categorias de crime, pecado, doença e loucura.

Após participar de uma aula na Residência Multiprofissional em Saúde do Trabalhador, durante a qual assisti a um documentário sobre os desafios enfrentados pelos trabalhadores e trabalhadoras da fumicultura, meu interesse pelo tema do suicídio e seu contexto no trabalho rural foi despertado. Esse interesse mesclou-se à minha orientação de pensamento fenomenológico-existencial, que nutro desde os tempos da graduação em Psicologia. A interseção dessas áreas oportuniza uma abordagem rica e holística para compreender não apenas as estatísticas alarmantes, mas também o período histórico em que esse fenômeno acontece, destacando a complexidade das experiências vividas pelos trabalhadores e seus familiares na agricultura.

Segundo Dejours e Bègue (2010), o suicídio e as tentativas de suicídio no local de trabalho apareceram na década de 90, na maioria dos países ocidentais. Foi a partir da série de suicídios nas sedes das empresas Renault, Peugeot e Électricité de France, em 2007, que os jornalistas começaram a escrever e divulgar o tema publicamente. Contudo, os autores indicam que o suicídio no meio rural já acontecia com certa frequência. E apesar de mobilizar diferentes áreas, como a filosofia, a literatura, a política, a ciência e ser considerado uma questão de saúde pública, a produção científica e acadêmica acerca do suicídio é limitada aos eixos teóricos, e escassa no que tange as práticas organizacionais, políticas públicas e legislações sobre o tema (Cortez et al., 2019). Vale a ressalva das Diretrizes Nacionais para Prevenção do Suicídio, através da Portaria 1.876/2006 e da Lei nº 13.819, de 26 de abril de 2019, que institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio.

Corroborando com a relevância do fenômeno, Drebes et al. (2018) mostram que a China se destaca no âmbito global como um dos países com mais casos de suicídio registrados em

zonas rurais. Sendo que dos 287 mil casos de tentativa de suicídio registrados anualmente no país, 58% foram no meio rural e relacionados a ingestão de agrotóxicos, e 61% destes casos terminaram em óbito. As pesquisas indicam que o fácil acesso aos agrotóxicos, que foram normalizados no processo de trabalho agropecuário, seria um fator diretamente relacionado aos altos índices de morte nesse meio.

Prosseguindo com os achados, Drebes et al. (2018) destacam que na França os índices de suicídio nas áreas rurais são duas vezes maiores do que nas urbanas. E os agricultores aparecem como a principal categoria nesses registros, com estimativas de 400 a 600 mortes por ano, motivados pela intensa mecanização, informatização e “quimificação” do trabalho agrícola (p.307):

Diante desse cenário, Furtos (2007) elucida que os casos de mortes voluntárias de rurícolas tornaram-se comuns nos noticiários e deixaram de causar estranhamento: “Um suicídio de agricultores a cada dois dias”, veiculou o tabloide Le Monde (2013); “Agricultura: após a crise, o suicídio”, destacou a revista Le Point (2016); “O tabu dos suicídios de agricultores”, anunciou a televisão BFMTV (2016). O fenômeno alcançou dimensões tão alarmantes que a sociedade civil uniu-se e criou, inclusive, uma Associação das Famílias de Agricultores Vítimas do Suicídio – ARSFP (2016).

Na modernidade, vigora-se a concepção da morte autoprovocada enquanto um fenômeno multifatorial, que ocorre em todas as regiões do mundo e afeta qualquer gênero, raça, idade e classe social. Sendo assim, trata-se uma questão de saúde pública, que requer estratégias e recursos para sua prevenção, posto que, estima-se que no Brasil, mais de 800 mil pessoas cometem suicídio anualmente (Brasil, 2017).

O Ministério da Saúde (2006) instituiu as Diretrizes Nacionais para Prevenção do Suicídio, através da Portaria 1.876/2006, reforçando a necessidade de um planejamento de atenção integral e transversal, para promover ações de prevenção, educação, sensibilização, tratamento e reabilitação para aqueles que pensam em tirar a própria vida, assim como, para os profissionais de saúde e toda a comunidade que é atravessada pelo ato ou ideia suicida. Isso aponta para a necessidade de estudos e intervenções que abarquem a complexidade do suicídio e seus determinantes e condicionantes sociais.

Vale ressaltar que a Portaria 1.876/2006 cita os grupos considerados mais vulneráveis de acordo com o levantamento epidemiológico: indivíduos com transtornos psiquiátricos; usuários de álcool e substâncias psicoativas; pessoas com doenças crônico-degenerativa; adolescentes moradores de rua; gestantes e/ou vítimas de violência sexual; populações residentes e internadas em instituições específicas; indivíduos que convivem com o HIV/AIDS;

populações de etnias indígenas e os trabalhadores rurais expostos a determinados agentes tóxicos e/ou a precárias condições de vida.

Meneghel e Moura (2018) apontam os novos aspectos do capitalismo global no cenário do trabalho rural. As autoras destacam práticas como desregulamentação, flexibilização, terceirização e precarização do trabalho, visando beneficiar o capital em detrimento dos trabalhadores. Essas estratégias incluem táticas de controle emocional, estímulo à competitividade, indiferença com o próximo e culpabilização individual pelo fracasso, resultando em insegurança no emprego e perda da terra.

No contexto rural, Meneghel e Moura (2018) afirmam que a inserção da lógica capitalista levou à morte do campesinato, com empresas e conglomerados industriais transformando os processos de produção para maximizar o lucro. Esse fenômeno é chamado de "desruralização", caracterizado pela quebra dos vínculos entre os agricultores e a terra, resultando em exploração que afeta esse setor globalmente. Meneghel e Moura (2018), destacam também as consequências, como patologias do medo e um aumento de suicídios relacionados ao trabalho:

O modelo econômico causa efeitos nas subjetividades, produzindo sentimentos de impotência e desesperança. Não é apenas a relação entre pobreza e suicídio, mas a falta de controle sobre a vida e o futuro que torna os sujeitos impotentes e propensos a buscarem a morte. Muitos são obrigados a vender parte e até toda a propriedade agrícola, para pagarem dívidas (Meneghel e Moura, 2018, p. 1140).

Em uma pesquisa com trabalhadores rurais do Rio Grande do Sul/BR, Menegat e Fontana (2010) evidenciam a interface das condições do trabalho rural com a saúde dos trabalhadores. A jornada árdua de atividades que ultrapassa oito horas por dia, os riscos ambientais característicos do trabalho agropecuário, a incerteza da boa colheita que aumenta a preocupação e a falta de Equipamentos de Proteção Individual ou seu não uso, aparecem como queixas ligadas às condições do trabalho no campo.

Acrescenta-se a esse cenário, os malefícios dos agrotóxicos no processo de trabalho agropecuário. Com frequência, o trabalhador é influenciado pela propaganda difundida pela indústria e pelo comércio em relação ao uso de agrotóxicos, abandonando suas práticas tradicionais ao acreditar nos supostos benefícios para a produtividade. Conforme expresso pela maioria dos entrevistados da pesquisa supracitada, a leitura dos rótulos de agrotóxicos tornou-se uma prática regular apenas para conferir a quantidade, doses e horários de aplicação, negligenciando as informações sobre contra indicações e efeitos adversos. É relevante destacar

que, em grande parte das situações, os orientadores acerca dos agrotóxicos são os próprios fornecedores desses produtos (Menegat & Fontana, 2010).

Além disso, deve-se atentar para a relação entre o suicídio, a pobreza e os trabalhadores rurais, cuja relação se mostra positiva e digna de escrutínio (Gonçalvez; Gonçalvez; Oliveira Júnior, 2011). Os autores indicam que a dificuldade de acesso à rede de saúde e serviços em geral, declínio econômico das áreas rurais e o uso de agrotóxicos, que desencadeiam quadros depressivos por mecanismos neurológicos ou endócrinos em lavradores, e a facilidade de se obter armas de fogo, podem contribuir para o aumento do risco de suicídio.

Diante disso tudo, o objetivo desta pesquisa foi realizar uma revisão da literatura acadêmica que abordou a relação entre suicídio e trabalho rural no Brasil, no período compreendido entre os anos de 2003 e 2023. A partir das lentes da Saúde do Trabalhador, da Psicodinâmica do Trabalho e da fenomenologia-existencial, a investigação visou identificar os principais fatores associados ao suicídio laboral no meio rural. Buscou-se com isso contribuir para compreensão mais profunda desse fenômeno complexo e suas implicações para a saúde desses trabalhadores.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Suicídio

Botega (2015) percorre os diversos sentidos e significados que o suicídio apresentou ao longo da história em seu livro “Crise Suicida: Avaliação e Manejo”. Começa pelos povos primitivos que acreditavam que o espírito do morto voltaria para aniquilar seus inimigos, encarando o ato de pôr fim a própria vida como uma forma ritualística de imortalidade. Dentre as motivações para o suicídio, pode-se encontrar a evitação da desonra, a fuga da escravidão, reação a perdas afetivas, a idade avançada, ou mesmo a vingança.

Segundo o autor, de modo geral, os gregos antigos eram tolerantes ao suicídio. Matar-se por razões justificadas, como motivos patrióticos ou a fim de evitar a desonra, era visto como atitude de moderação e nobreza de espírito. Por sua vez, na Europa, período da Idade Média, o suicídio assume o viés de pecado mortal digno de condenação e associado a possessão demoníaca e desarranjo mental, interpretações vinculadas ao catolicismo e as obras de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino (Botega, 2015).

Foi no século XVII que o termo suicídio (derivado do latim *sui* = de si próprio e *caedere* = matar) apareceu pela primeira vez em textos ingleses e o ato passou a ser lido como dilema humano. Dessa forma, a liberdade individual e a autodeterminação do homem passaram a ser reconhecidas, assim como as ideias religiosas foram substituídas pelo campo das ciências e literatura que investigavam a melancolia que tornava a vida intolerável, levando ao suicídio (Botega, 2015).

Ademais, o foco do suicídio foi deslocado do indivíduo para a sociedade, e da moral para os problemas sociais nos tempos modernos. Com o avanço dos estudos sobre o fenômeno nas áreas das neurociências, bioética, ciências humanas e estatística, a maneira de compreender o ato também foi se modificando:

Na pós-modernidade, respaldada pelos aportes científicos, a responsabilidade pelo suicídio diluiu-se em um conjunto complexo de influências que consolidaram, desde o século XVII, o novo olhar sobre o indivíduo – antes pecador, agora vítima. Vítima de sua fisiologia cerebral, da decepção amorosa, das misérias humanas, das calamidades sociais; vítima de uma organização política e econômica que conduz à perda de sentido e ao desespero, a uma vida desprovida de sentido, a mortes aparentemente sem razão (Botega, 2015, p. 30).

O suicídio emerge como uma séria preocupação de saúde pública atualmente. Conforme dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 800 mil indivíduos são vitimados por ano no Brasil, equivalente a uma fatalidade a cada 35 segundos. O Brasil ocupa a oitava posição em termos absolutos de suicídios, com uma média de 11 mil casos anuais, correspondendo a 31 óbitos diários, sendo que o número de homens é quase quatro vezes superior ao de mulheres. A magnitude desses números pode ser ainda mais preocupante ao considerar a subnotificação de mortes por suicídio, muitas vezes camufladas entre registros de homicídios, acidentes e outras causas fatais (Teixeira; Souza; Viana, 2018).

No âmbito da Saúde Coletiva e Epidemiologia, o foco está na análise aprofundada de dados epidemiológicos para identificar padrões, como os métodos mais utilizados, a prevalência por gênero e faixa etária, a distribuição das taxas por região geográfica e por períodos temporais, bem como a presença de comorbidades, possibilitando assim a construção de perfis de risco, considerando fatores predisponentes e precipitantes. Em relação à saúde individual, destaca-se a relevância dos transtornos mentais como graves fatores de risco para o suicídio. A depressão, alcoolismo, esquizofrenia e transtornos de personalidade são prevalentes e, embora não sejam causas diretas, representam elementos críticos na perspectiva psiquiátrica (Feijoo et al., 2023).

Em contrapartida ao modelo psiquiátrico, Feijoo (2019) indica que o ponto de vista existencial para pensarmos o suicídio requer uma abordagem fenomenológica. Isso significa adotar uma atitude antinatural para se aproximar do fenômeno sem basear-se em análises e premissas preestabelecidas, como sendo uma doença, patologia, sofrimento, desespero ou um ato de controle. É necessário suspender qualquer visão moralizante e normativa que determine o que é considerado bom ou mau, normal ou patológico.

Outro aspecto que difere a perspectiva fenomenológica-existencial sobre o suicídio das demais correntes de investigação, é a necessidade de encontrar uma causa, algo que justifique o ato, ignorando a liberdade que é constitutiva da existência, conforme orienta Feijoo (2019, p. 170-171):

Outra questão recorrente naqueles que estudam o tema do suicídio é a de procurar o responsável pela situação. Há aqueles que responsabilizam o indivíduo, com diferentes alegações: portador de uma doença psíquica, frágil psicologicamente etc. Há ainda aqueles que responsabilizam os pais ou a família pelos seus comportamentos de desatenção, conflitos etc. E encontramos aqueles que culpabilizam o Estado, pela manutenção de questões sociais como desemprego, pobreza, falta de oportunidades etc. Na tentativa de nos mantermos fiéis ao método fenomenológico, não trabalhamos com a ideia de

causa (culpa) e sim de motivo (liberdade). Para tanto, precisamos dar um passo atrás a algo tão comum em nosso mundo que é a atribuição de causalidade aos fatos. E, ainda, assumimos uma postura que não é indiferente uma vez que se propõe a cuidar, mas que também não cuida ao modo do controle ou ditando o modo como as pessoas devem se comportar. Permanecemos juntos àquele que pensa em finalizar sua vida em uma escuta atenta, de modo a que o outro possa se demorar mais na sua (in)decisão. (Feijoo, 2019, p. 170-171):

Esse modo de compreensão intenta preservar o originário da experiência, sem se apressar em enquadrar o fenômeno do suicídio em categorias individuais, éticas, médicas ou sociais. Isso não significa negar a relevância dos dados epidemiológicos e científicos, e sim, não reduzir o acontecimento a um único sentido, posto que “é um ato que guarda em seu interior tanta complexidade e mistério que tal decisão merece ser acompanhada no âmbito da própria experiência daquele que decide retirar-se da vida” (Feijoo, 2019, p. 166).

## 2.2 Suicídio no trabalho

No livro “Suicídio e Trabalho”, Dejours e Bègue (2010) afirmam que quando um trabalhador se suicida por razões relacionadas ao trabalho, isso significa que toda comunidade de trabalho já está sofrendo. O acontecimento representa um sinal da gravidade da situação, indicando um sinal de degradação do tecido humano e social do trabalho, “em outros termos, um único suicídio no local de trabalho - ou manifestadamente em relação ao trabalho - revela a desestruturação profunda de ajuda mútua e da solidariedade. Ou seja: a intensa degradação do viver-junto em coletividade.” (2010, p. 21)

Para os autores (2010), o silenciamento dos casos e a falta de reação coletiva têm um impacto negativo, gerando sentimento de impotência, resignação e desespero, podendo agravar a saúde mental de todos que “permaneceram”. Por isso, elucidar a mensagem endereçada à comunidade de trabalho seria uma etapa importante do processo de luto dos familiares e colegas.

Quanto a relação entre suicídio e trabalho, Dejours e Bègue (2010) apresentam três concepções que, normalmente, utilizam para explicar os casos: o estresse (*coping*), que vincula as perturbações do ambiente ao modo como o indivíduo administra seu estresse; a análise estrutural, que responsabiliza totalmente o indivíduo pelas condutas patológicas, incluindo o suicídio, a partir de fatores biológicos, hereditários e a história de vida que modulam a

personalidade; e a sociogenética, que atribui a gestão e a organização do trabalho o maior impacto sobre a saúde mental e descompensação do trabalhador.

Visando suscitar ações de vigilância em saúde do trabalhador, Corsi et al. (2020) revisaram as possíveis relações que permeiam as temáticas da ideação suicida e do suicídio associadas ao trabalho, dividindo em dois eixos: aspectos internos e externos. Os aspectos internos, representam características emocionais e comportamentais do indivíduo, e os externos são fatores organizacionais e sociais, que não dependem do indivíduo. A revisão analisou dez trabalhos, de sete países diferentes (Japão, China, Estados Unidos, Alemanha, Reino Unido e Brasil), publicados entre 2009 e 2017.

Dentre os principais resultados, os autores encontraram como aspectos internos a depressão, assédio moral/bullying, estresse extremo, burnout e o isolamento social. Por sua vez, os aspectos externos encontrados foram a ausência de lazer, sobrecarga de trabalho (horas/volume de trabalho), acidentes de trabalho, conflitos entre a família e o trabalho e a falta de autonomia no trabalho (Corsi *et al.*, 2020).

Os autores pontuam que uma única causa não pode dar conta de determinar todas as possíveis manifestações humanas nesse contexto extremo de suicídio. Deve-se levar em consideração as dimensões subjetivas dos mecanismos e comportamentos psíquicos de adoecimento que influenciam a relação do homem com o seu ambiente de trabalho. Todavia, indicam que os agravos encontrados na revisão, como o *bullying* e o estresse, podem levar ao isolamento social, e este pode desembocar em suicídio (Corsi, *et al.*, 2020).

Como indicação de enfrentamento ao cenário, Corsi et al. (2020) apresentam a vigilância em saúde do trabalhador como uma ação de suma importância para a intervenção eficaz, permitindo que os trabalhadores sejam ouvidos sem coerção, sem o temor de retaliação ou julgamentos. Essa abordagem visa identificar os aspectos desencadeantes mencionados anteriormente, os quais estão intrinsecamente ligados aos elementos externos presentes no ambiente laboral.

No Brasil, os objetivos dos órgãos responsáveis pela saúde do trabalhador, tais como os Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (CERESTs), incluem a prestação de assistência e a vigilância desse segmento populacional, através de ações que englobam a atuação direta, monitoramento, prevenção, notificação e enfrentamento estratégico dos problemas de saúde coletiva, tais como óbitos, acidentes e doenças relacionadas ao trabalho, conforme a Política Nacional de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora (PNSTT) (Brasil, 2012).

### 2.3 Suicídio no meio rural

Thiollent e Dorigon (2014) apresentam as contribuições de Michèle Salmona, pesquisadora em psicologia do trabalho, que dedicou seus estudos às repercussões da modernização agrícola na França. Ela descreveu esse processo como uma "modernização violenta", que teve impactos significativos na saúde física e mental dos agricultores. Esses impactos decorreram da implementação de políticas públicas que incentivaram os trabalhadores rurais a seguir as orientações dos técnicos e conselheiros agrícolas, resultando na alteração de seus processos de trabalho.

A pesquisadora dedicou uma análise profunda à concepção da difusão tecnológica e da extensão rural que imperou durante a modernização forçada dos camponeses franceses a partir dos anos 1960. Essa abordagem não se restringiu apenas à França, mas foi predominante em muitas regiões do mundo, incluindo o Brasil, e em nações que adotaram a chamada "revolução verde". Essa revolução buscava aumentar drasticamente a produtividade agrícola através da ampla adoção de novas tecnologias, como tratores, maquinários pesados, pesticidas e fertilizantes químicos, resultando na ruptura das práticas agropecuárias tradicionais (Salmona, 2007 *apud* Thiollent & Dorigon, 2014).

Salmona destaca as patologias psicossociais nas comunidades agrícolas, ressaltando a dificuldade em identificar e prevenir essas doenças, especialmente em comparação com áreas urbanas. Ela discute a relação entre a estrutura familiar, a marginalização social e o suicídio, argumentando que os suicídios são mais comuns entre os menos favorecidos socialmente, como operários urbanos e agricultores. A autora aponta que a autodestruição muitas vezes surge como uma resposta ao desespero afetivo e à estagnação social. Ela alerta que a modernização forçada nos meios rurais contribuiu para a deterioração da vida social, e não apenas fatores isolados como o uso de agrotóxicos, desempenham um papel nesse fenômeno (Salmona, 2007 *apud* Thiollent & Dorigon, 2014).

Schoeninger e Dal Magro (2021) conduziram uma revisão da literatura sobre suicídio no meio rural, observaram que o uso de agrotóxicos foi um tema comum em muitos estudos. Eles apontaram que a "revolução verde" e as demandas das indústrias agropecuárias têm levado a um aumento significativo no uso dessas substâncias, visando aumentar a produção e os lucros. No entanto, esse aumento na utilização de produtos químicos tóxicos tem resultado em intoxicações, tanto deliberadas quanto acidentais, e tem impactado negativamente na saúde mental das pessoas que vivem no meio rural, podendo contribuir para casos de suicídio (p. 213):

As exigências da indústria agropecuária têm relação estreita com as transformações dos modos de produção e de vida no meio rural, outro tema que teve destaque na literatura científica analisada. Essa sugere que os produtores rurais acabam tendo que se adequar às mudanças impostas, como o implemento de tecnologias de ponta no uso de máquinas e sementes. Neste contexto, aumenta a concentração de renda, o êxodo rural, precariza-se o trabalho e vida no campo, o que levaria ao suicídio.

Dutra e Roehe (2013), após constatarem um índice significativo de suicídios cometidos por agricultores em alguns municípios potiguares, realizaram uma pesquisa qualitativa e de inspiração fenomenológica, entrevistando familiares dos suicidas e pessoas residentes nos cinco municípios que apresentaram as maiores taxas de suicídio entre agricultores. Apesar dos dados serem preliminares, os autores apontaram para as falas dos entrevistados sobre as condições de vida dos locais visitados serem muito limitadoras e frustrantes para o homem que, na perspectiva existencial, deve “fazer-se” lançado no mundo, “assim, uma vida que não se realiza, um poder-(querer)-ser que não se efetiva carrega a inconformidade com o próprio ser, em outras palavras, é ser o que não se quer ser (p. 115).

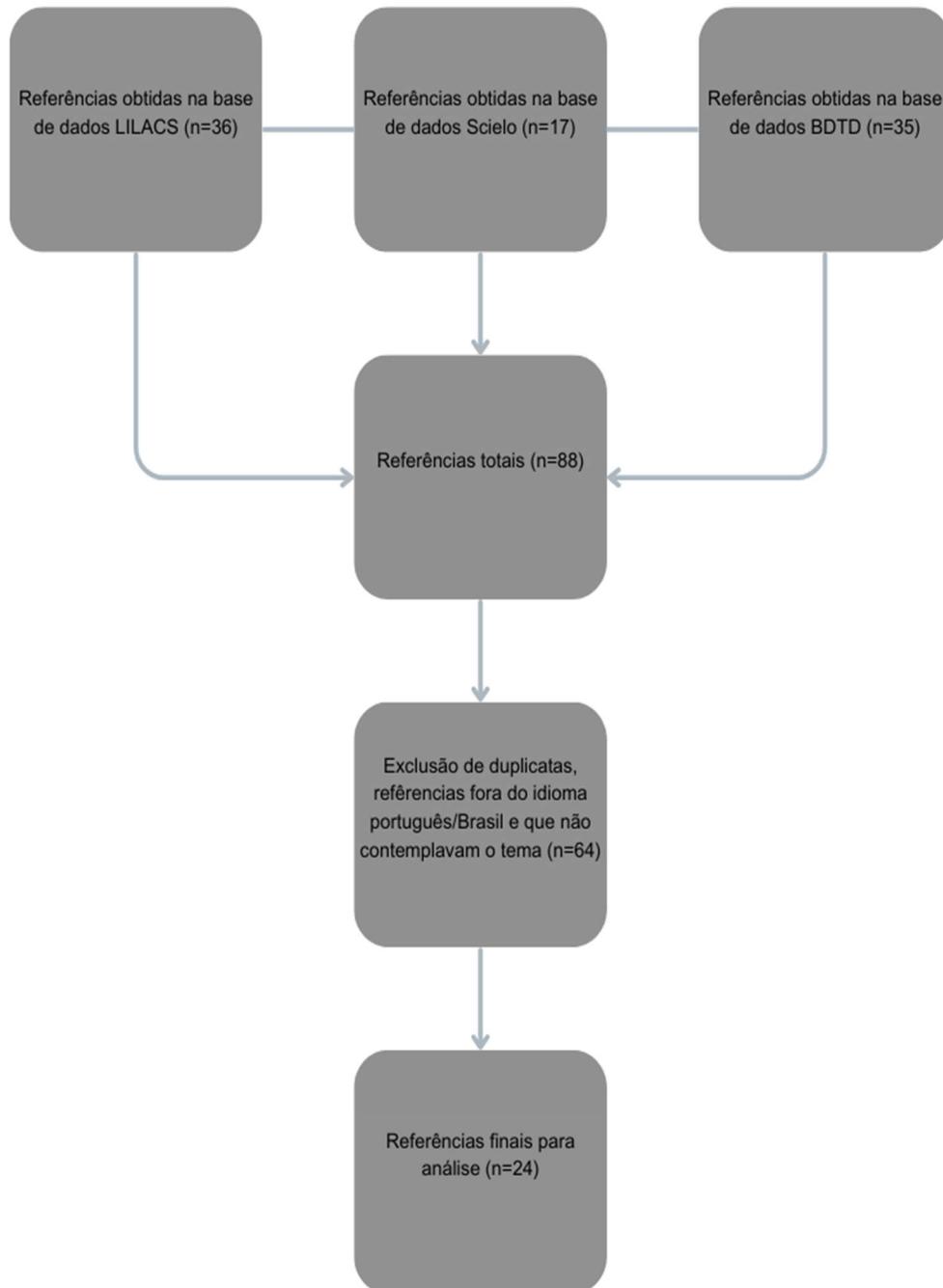
### 3. METODOLOGIA

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, por meio de revisão narrativa da literatura científica produzida nos últimos 20 anos, para investigar a relação entre o suicídio e os trabalhadores rurais no Brasil. Dessa forma, foram examinados artigos científicos, dissertações e teses relacionados ao tema.

Inicialmente, foi realizada uma busca em três bases de dados virtuais: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Buscou-se a combinação (suicídio) AND (agricultor) OR (trabalhador rural) em todas as bases citadas, totalizando 88 referências de estudos realizados no Brasil foram encontradas entre os anos de 2003 e outubro de 2023.

Posteriormente, foram excluídos os materiais que não contemplavam o tema proposto, os que não estavam no idioma português (Brasil) e aqueles que estavam duplicados na contagem total. Com isso, 64 referências foram eliminadas no processo de filtragem e 24 foram incluídas para a análise final do conteúdo.

**Fluxograma 1** – resultado das buscas nas bases de dados.



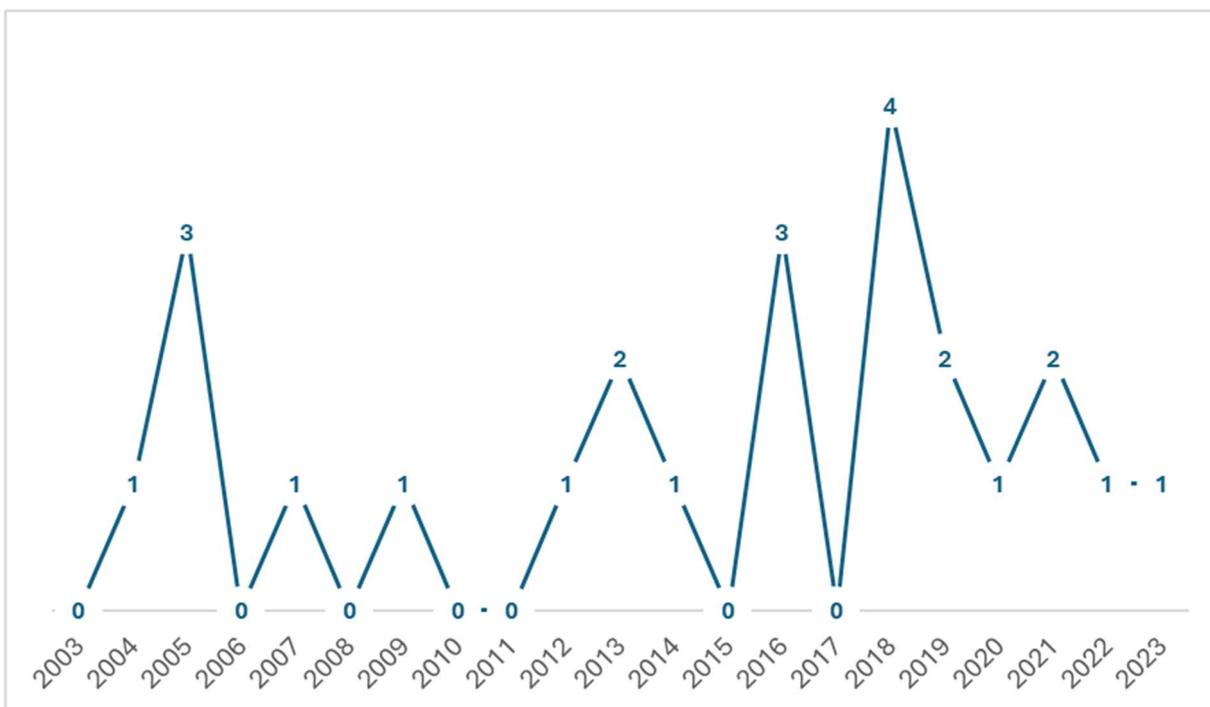
Fonte: autoria própria.

Após a busca nas bases de dados e filtragem do material pertinente ao tema em questão, procedeu-se à construção de uma planilha contendo informações sobre os autores, ano de publicação, objetivos e principais resultados dos títulos selecionados para a revisão (ver apêndice 1). Posteriormente, o autor dedicou-se à leitura integral do material compilado e, com base nessa análise, identificou os principais fatores associados ao suicídio laboral no meio rural. A análise do material coletado foi conduzida sob a ótica do campo da Saúde do Trabalhador, considerando a complexidade do fenômeno, suas nuances de gênero e questões sociais e culturais.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a busca nas bases de dados indicadas anteriormente, identificou-se um total de 24 títulos relevantes para o escopo da pesquisa em questão. Destes, destacaram-se 8 dissertações, 6 teses e 10 artigos científicos, abordando diferentes perspectivas e enfoques sobre o tema em análise. Observou-se que dentro da estratégia de busca adotada, foi constatada uma escassez de materiais ao longo dos anos nas bases de dados selecionadas para esta revisão, como pode ser visualizado no Gráfico 1 abaixo. Esse baixo número de publicações destaca a necessidade de mais pesquisas.

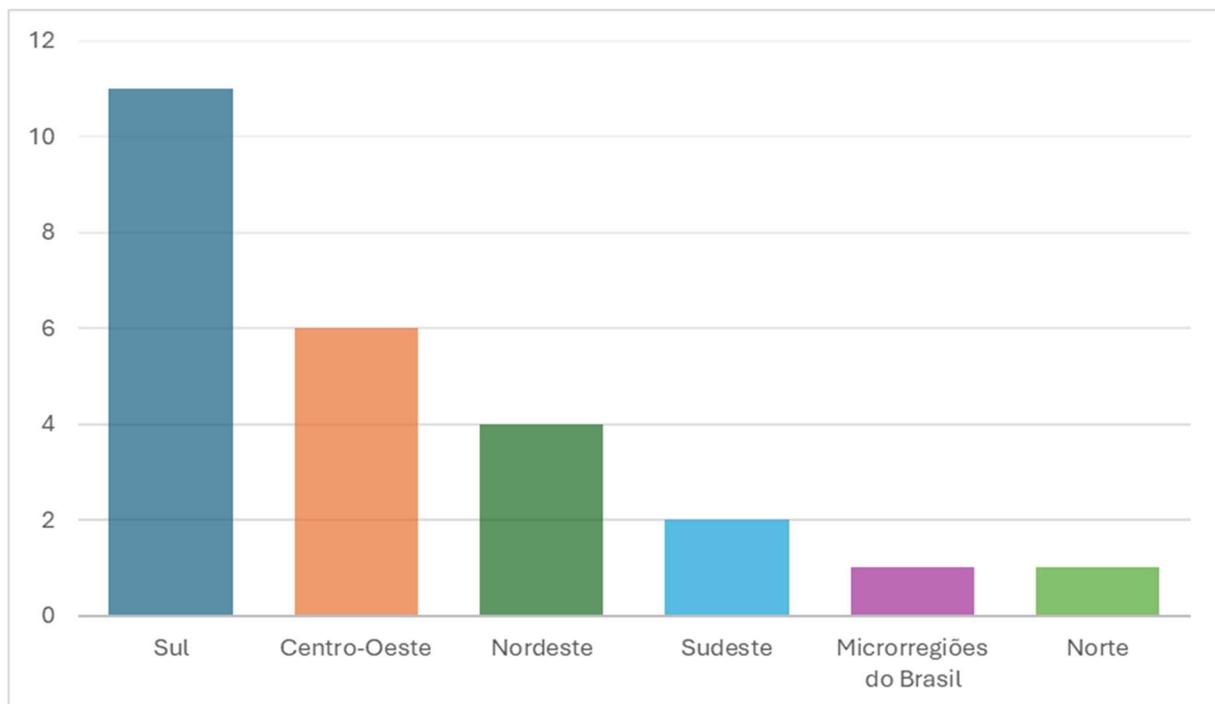
**Gráfico 1:** Número de publicações encontradas nos últimos 20 anos.



Fonte: autoria própria.

A revisão do material sobre a relação entre suicídio e trabalho rural revelou uma distribuição geográfica significativa nos estudos analisados (vide Gráfico 2).

**Gráfico 2** – Distribuição regional dos estudos no Brasil.



Fonte: produção do próprio autor.

Na Região Sul, foram identificados estudos em várias localidades, incluindo Paraná (Oliboni et al., 2023; Martins, 2018; Côrte, 2019; Polastro, 2005; Machado, 2018), Rio Grande do Sul (Heck, 2004; Castro & Monteiro, 2016; Drebes, 2019; Werlang, 2013; Moura, 2016).

Na Região Sudeste, as pesquisas foram conduzidas principalmente em Minas Gerais (Gonzaga et al., 2021; Meyer et al., 2007) e no Centro-Oeste, os estudos foram realizados em Goiás (Neves et al., 2020), Mato Grosso (Veiga, 2014; Costa, 2018) e Mato Grosso do Sul (Pires et al., 2005a; Pires et al., 2005b; Fontoura Junior, 2009). No Nordeste, foram encontradas investigações em Pernambuco (Florentino, 2022), Piauí (Macedo et al., 2018) e Rio Grande do Norte (Santos, 2021). Na Região Norte, um estudo foi identificado em Tocantins (Ferreira, 2013). Por fim, 2 estudos não especificaram uma única região do país, posto que um deles diz respeito às microrregiões com elevada produção de soja no Brasil (Chrisman, 2012) e o outro combinou dados de alguns estados do Sul e do Nordeste, devido a predominância do cultivo de tabaco nestas regiões (Borges, 2016).

#### **4.1 Regiões sul e centro-oeste e os altos índices de suicídio**

Essa distribuição geográfica dos estudos corrobora com a predominância das regiões sul e centro-oeste do Brasil como palco dos altos índices de tentativas de suicídio e óbitos por suicídio, principalmente entre os agricultores, e em regiões que fazem o uso indiscriminado de pesticidas. Em relação aos estados, o do Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul se destacam com os coeficientes mais elevados de intoxicação por agrotóxicos por região. (Pires et al., 2005a; Fontoura Junior, 2009; Werlang, 2013; Moura, 2016; Drebes, 2019).

Através dos dados do Centro Integrado de Vigilância Toxicológica da Secretaria Estadual de Saúde do Estado do Mato Grosso do Sul (CIVITOX/MS), Pires et al. (2005a) encontraram que durante os anos de 1992 e 2002, o estado documentou 1.355 casos de intoxicação resultantes do manuseio e uso de agrotóxicos agrícolas. Dentre essas notificações, 501 foram relacionadas à ingestão voluntária desses produtos, indicando tentativas de suicídio, e resultaram em 139 óbitos. Os resultados deste estudo indicaram a microrregião de Dourados como uma das mais críticas do estado do Mato Grosso do Sul com relação à ingestão voluntária de agrotóxicos.

Em pesquisa cujo recorte foi a microrregião de Dourados/MS, Pires et al. (2005b) apontaram que a agricultura é a atividade econômica dominante em cinco dos quinze municípios na microrregião de Dourados e estes municípios foram caracterizados pela presença de pequenas propriedades que se dedicam ao cultivo de culturas temporárias, como algodão e feijão. Nessas propriedades menores, a tecnologia agrícola é limitada, e práticas como o uso de pulverizadores costais para aplicação de agrotóxicos são comuns. Além disso, há escassez de suporte técnico especializado para fornecer orientações, o que pode contribuir para o aumento dos casos de intoxicação na região.

Os dados também mostraram que durante o período do estudo, 1992 a 2002, houve um total de 475 casos de intoxicação por agrotóxicos na microrregião, representando 35,0% de todas as intoxicações registradas no estado do Mato Grosso do Sul. Destes, 261 foram classificados como acidentais ou profissionais, 203 como tentativas de suicídio e 11 como casos indeterminados. Quatorze indivíduos faleceram na microrregião devido à intoxicação acidental, enquanto 63 vieram a óbito devido à ingestão voluntária desses produtos. Os autores deduzem

que a escolha da ingestão voluntária e letal dos produtos tóxicos esteja relacionada à disponibilidade destes produtos no campo (Pires *et al.*, 2005b).

Em sua tese, Moura (2016) afirma que nos últimos vinte anos, as regiões com as maiores taxas de suicídio no país têm sido o Sul e o Centro-Oeste. E no sul, o estado do Rio Grande do Sul tem registrado os coeficientes de mortalidade mais elevados não apenas dentro da região, mas em todo o país. Desde 2002, tem testemunhado um número superior a 1.000 casos de suicídio a cada ano. Pesquisas epidemiológicas indicam que as taxas de suicídio são mais elevadas em pequenos e médios municípios gaúchos, onde a mortalidade por suicídio varia entre 15 e 30 por 100.000 habitantes, afetando principalmente os agricultores que residem em pequenas propriedades rurais.

Por sua vez, Martins (2016) aponta que o Paraná ficou em segundo lugar no país em termos de venda de agrotóxicos em 2008, ficando atrás apenas do Mato Grosso. No que diz respeito às intoxicações por agrotóxicos, é significativo observar que o Paraná registrou 76% dos casos na região Sul no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), de 2007 a 2013. O estado apresenta a terceira maior incidência de intoxicações por agrotóxicos, com uma taxa de 13,21 casos por 100.000 habitantes, mais que o dobro da média nacional, que é de 6,23 casos por 100.000 habitantes.

Ao comparar os desfechos de saúde nos municípios paranaenses, Oliboni et al. (2023) revelaram que a quantidade de agrotóxicos vendidos está significativamente associada a mais de 50% da variabilidade nas taxas de mortalidade por certas condições de saúde, como anomalias congênitas, suicídio e neoplasias malignas. No entanto, para os desfechos relacionados à morbidade (ou seja, a ocorrência de doenças), o poder explicativo da quantidade de agrotóxicos é menor. Isso sugere que outros fatores não considerados na pesquisa também influenciam a ocorrência dessas condições de saúde.

A questão das anomalias e malformações congênitas traz à tona a saúde das mulheres e da população infantil na discussão. Dado que, usualmente as mulheres participam do processo de trabalho agrícola direta ou indiretamente, “acompanhando os maridos ou limpando o material utilizado na lavoura, muitas vezes, sem a percepção de que estão sendo expostas” (OLIBONI et al., 2023, p. 11). A pesquisa aponta uma associação entre a utilização/comercialização de agrotóxicos a maior incidência de malformações congênitas e as taxas de mortalidade por malformações do sistema nervoso central e sistema cardiovascular.

Ainda sobre a saúde das mulheres, Fontoura Júnior (2009) contribui apontando para a dinâmica de gênero dentro do contexto agrícola. Historicamente, o trabalho nas atividades agrícolas tem sido predominantemente associado aos homens, logo, as estatísticas envolvendo intoxicações e óbitos são majoritariamente masculinas. Entretanto, observa-se um aumento significativo na participação ativa das mulheres nesse setor ao longo do tempo, e consequentemente, o aumento das taxas de intoxicação por agrotóxicos entre as mulheres que trabalham na agricultura.

#### **4.2 Influência da cultura alemã no sul do país: honra e gênero**

É válido destacar a presença dos aspectos culturais que aparecem em alguns dos materiais analisados, mais especificamente, a influência da colonização alemã no Rio Grande do Sul (Heck, 2004; Werlang, 2013; Moura, 2016; Drebes, 2019). A colonização alemã no Rio Grande do Sul começou no século XIX. As primeiras levas de imigrantes alemães chegaram à região por volta de 1824, com o objetivo de estabelecerem-se como agricultores em terras férteis. Eles se instalaram principalmente nas regiões de São Leopoldo, Novo Hamburgo, Santa Cruz do Sul e outras áreas próximas.

Em uma pesquisa etnográfica com integrantes do meio rural e descendentes de alemães, Heck (2004) identificou que o risco de suicídio aparece como “fraqueza dos nervos”, indicando um perigo que deve ser “atacado”, seja prendendo a pessoa no quarto com portas e janelas pregadas ou levando para consulta médica com suporte da brigada militar. Normalmente as mulheres da casa e os vizinhos iniciam os cuidados com a pessoa que indica essa “fraqueza”, e quando necessário, procuram assistência dos profissionais de saúde.

A pesquisa de Moura (2016) reuniu narrativas de indivíduos moradores de Santa Cruz do Sul, das áreas da saúde, religião, agricultura, trabalho, educação, justiça e comunicação social. Percebe-se a importância do “espírito alemão” para essa parte da população, que segundo a análise de Moura (2016), entende o suicídio como um fenômeno múltiplo e complexo, mas enfatiza a cultura alemã como um diferencial na subjetividade dos indivíduos que participaram da pesquisa:

[..] dificuldade de lidar com frustrações de toda a natureza, especialmente as financeiras; rigidez de conceitos e condutas na vida pessoal, familiar e social; dificuldade de falar sobre sentimentos e emoções e de rir de si mesmo;

dificuldade de lidar com as diferenças entre “nós e os outros” mantida através de um sentimento e de um discurso de pertencimento a uma pátria alemã ideal imaginária; importância central das questões materiais no que diz respeito a um projeto de vida pautado no acúmulo de bens, em guardar dinheiro para o futuro, em ter e demonstrar sucesso pessoal através da aquisição de bens materiais; na ética protestante; na relação de sofrimento que estabelecem com o trabalho, especialmente os agricultores ligados à fumicultura, as mulheres agricultoras com dupla jornada e pouca valorização, enfim o trabalho árduo e a pouca autonomia com que conduzem suas vidas (Moura, 2016, p. 139).

A questão dos estereótipos de gênero também aparece como um possível fator relacionado ao desejo de viver ou morrer dos homens e mulheres. Moura (2016) indica como um determinante para o suicídio os homens que perderam a potência sexual, a capacidade de prover sustento para a família e/ou foram abandonados ou preteridos por suas mulheres. Ou seja, “homens que se suicidaram no papel de ‘mulherzinhas’ e mulheres que se mataram após cumprir rigidamente os papéis de gênero a elas designados pela cultura...” (Moura, 2016, p. 143).

Acrescenta-se influência da cultura germânica nos trabalhadores da região, a ética do trabalho, que valoriza o sucesso a qualquer custo, a rigidez, o comprometimento total com as tarefas e a busca pelo sucesso financeiro. Semelhança esta encontrada entre os alemães e os japoneses, nações cujas taxas de suicídio são elevadas e a significação da morte como “saída honrosa” pode ser encontrada. Essa percepção permeia a vida dos agricultores envolvidos na fumicultura, refletindo-se na sobrecarga das famílias, especialmente das mulheres, que muitas vezes são desvalorizadas e enfrentam uma jornada dupla de trabalho. O trabalho infantil, a pressão por um desempenho excepcional e o constante temor do desemprego, da falência e da perda das terras são aspectos marcantes desse contexto (Moura, 2016).

Drebes (2019) reforça o peso da honra e da virilidade relacionado ao papel do trabalhador teuto-brasileiro (descendente de colonos alemães) na fumicultura da região sul. Neste cenário, o *ethos* da economia e do trabalho reverberam no ideário do agricultor provedor, aquele que honra com seus compromissos, tem o nome limpo e paga suas contas. A “desonra” acomete o trabalhador que não encontra outra possibilidade senão o adoecimento e/ou suicídio ao “falhar” nesse propósito de prover, conforme o exemplo da autora:

Por exemplo, cinco anos atrás, o marido de Martina se enforcou dentro da construção destinada a secar o tabaco, encontrada ao lado da casa da família, deixando a esposa e os dois filhos. Em uma sala escura, com os olhos tristes e a fala arrastada, Martina me contou que foi ela quem encontrou o corpo do marido na manhã seguinte ao suicídio. O marido era um homem muito trabalhador no início do casamento, mas nos anos anteriores à sua morte, não era mais o mesmo: havia se rendido ao alcoolismo e passava o dia todo

dormindo, enquanto ela, sozinha, cuidava do cultivo do tabaco, realizando todas as atividades. A família não tinha dívidas, mas também não dispunha de muitos recursos financeiros: como não tinham terras próprias, o cultivo do tabaco era realizado em terras arrendadas, diminuindo significativamente o rendimento econômico. Embora o marido tenha sido internado em uma clínica de reabilitação, retornou ao alcoolismo, rompeu relações com o pai e com o filho, tornou-se violento e adoeceu mentalmente (Moura, 2016, p. 88-89).

Na fumicultura familiar teuto-brasileira do Vale do Rio Pardo, a intervenção de instituições de saúde em casos de homens com ideações suicidas geralmente envolve a mediação de uma mulher da família - mãe, irmã, filha ou esposa. Devido ao modelo de masculinidade predominante, os fumicultores evitam discutir seus problemas pessoais ou profissionais com outros homens, mesmo que sejam membros próximos da família ou da comunidade. Assim, as mulheres se tornam confidentes, proporcionando um ambiente onde os homens se sentem mais à vontade para expressar seus sentimentos sem medo de serem julgados. Elas desempenham um papel crucial ao oferecer apoio emocional e encaminhar os homens para as instituições de saúde, evitando que eles tenham que provar sua masculinidade ao enfrentar essas questões (Drebes, 2019).

Nesse contexto, a divisão sexual do trabalho retoma para a saúde das mulheres, dado que as trabalhadoras rurais podem realizar o trabalho reprodutivo (família e lar) e produtivo (trabalhar no campo), tarefa dupla que os homens não desempenham pois seria uma “agressão à masculinidade” (Drebes, 2019, p. 90). As trabalhadoras realizam tarefas na esfera privada, como cuidar da casa, cozinhar, limpar, cuidar dos filhos, cuidar dos idosos e administrar as finanças familiares. E por não serem tarefas remuneradas, não são vistas como trabalho.

Com isso, apesar do número de suicídios entre as mulheres não ser tão alto quanto dos homens, Drebes (2019) pontua que as tentativas cometidas seriam uma forma de chamar atenção para o sofrimento vivenciado por elas. Isto é, um pedido de ajuda para a família e a comunidade, para lidar com situações de extrema vulnerabilidade. No contexto das relações de gênero, quando homens morrem, mulheres assumem o trabalho produtivo, mas se mulheres morrem, homens raramente assumem responsabilidades reprodutivas. Mulheres rurais resistem a adversidades devido à sua preocupação com o cuidado da família, demonstrando uma tendência menor ao suicídio, mesmo em situações de violência doméstica, por exemplo, como destacado por uma entrevistada. Essa resistência é atribuída à formação cultural machista e sexista, que prega a ideologia de auto sacrifício das mulheres que devem ser flexíveis e cuidar dos outros.

Diante do exposto anteriormente, torna-se evidente que a compreensão das motivações por trás do suicídio exige uma análise sensível e profunda da cultura local e das relações de gênero dentro das comunidades. O entendimento das dinâmicas sociais, das expectativas culturais e dos papéis de gênero desempenha um papel fundamental na identificação dos fatores que contribuem para a vulnerabilidade ao suicídio. O contexto cultural, neste caso, a cultura alemã, contribuiu para as percepções individuais de dor, sofrimento e resistência, influenciando as estratégias de enfrentamento e os recursos disponíveis para lidar com adversidades. Portanto, qualquer abordagem de prevenção e intervenção em saúde mental deve levar em consideração não apenas os aspectos psicológicos e biológicos, mas também os contextos sociais e culturais em que as pessoas estão inseridas.

### **4.3 Papéis de gênero para além do *ethos* sulista**

Ao investigar possíveis casos de ideação suicida em áreas de assentamentos rurais no Piauí, Macedo et al. (2018) encontraram uma maioria do sexo feminino, com faixa etária entre 30 a 49 anos, estado civil casado, que possuem filhos, com renda familiar de ½ salário mínimo, escolaridade fundamental incompleto/completo e ocupação de pescador/agricultor e dona de casa. Os autores reforçam a importância de se compreender as particularidades do meio rural para entender o fenômeno do sofrimento psíquico envolvido.

Enquanto os homens sofrem com o adoecimento relacionado à intensa carga do trabalho agrícola, às condições precárias de trabalho e à perda de vitalidade física, as mulheres enfrentam desafios ligados ao trabalho doméstico, à jornada dupla, ao número de filhos, à violência de gênero perpetrada por parceiros íntimos e a eventos estressantes, como perdas familiares ou separações conjugais. Lidando com uma carga de trabalho elevada, que inclui cuidar da casa, dos filhos, do marido e das atividades agrícolas ou pesqueiras, além de assumir o papel de cuidadora, as mulheres enfrentam uma sobrecarga física e emocional intensa, que representa um fator de risco significativo para a possibilidade de cometerem suicídio (Macedo et al., 2018).

Embora esses achados não possam ser generalizados, eles destacam a relevância dos papéis de gênero na dinâmica entre trabalho, saúde e doença, conforme discutido no tópico anterior sobre a influência da cultura alemã do sul. Isso ressalta a necessidade de considerar os aspectos socioculturais na compreensão do adoecimento dos trabalhadores.

Ao descrever as características dos casos de óbitos por suicídio no estado de Pernambuco, no período entre 2011 e 2020, Florentino (2022) identificou um perfil suicida majoritário do sexo masculino, faixa etária entre 15 e 34 anos, solteiro, raça/cor parda, trabalhador rural, poucos anos de estudo, provocado em domicílio e enforcamento como método mais utilizado.

Segundo Florentino (2022), existem várias explicações plausíveis para a discrepância entre taxas de suicídio entre homens e mulheres. Entre elas, destaca-se o desgaste associado à tradicional responsabilidade masculina de prover sustento financeiro para a família. Historicamente, os homens tendem a ser mais sensíveis às variações nas condições econômicas do que as mulheres. O aspecto cultural e social local reflete uma tradição machista enraizada entre os homens do sertão.

O aumento da participação feminina no mercado de trabalho intensifica a competição entre os gêneros na percepção geral. Ao mesmo tempo, a imagem masculina permanece associada à força e à ausência de fraqueza. Historicamente, a mulher sertaneja é vista como submissa dentro de casa, sujeita à dominação masculina. No entanto, essa dinâmica é ambivalente, pois a imagem da mulher sertaneja oscila entre submissão e coragem, resistência. Essa resiliência pode estar correlacionada estatisticamente a uma menor incidência de suicídios consumados (Florentino, 2022).

Apesar da participação da agropecuária na economia de Palmas/TO ser considerada pequena, estando baseada em pequenas chácaras no entorno da cidade e fazendas de plantação de soja e de criação de gado, durante o período analisado por Ferreira (2013), agosto de 2006 a dezembro de 2009, as ocupações com as maiores prevalências foram aquelas relacionadas aos trabalhadores da construção civil, servidores públicos, trabalhadores agrícolas, auxiliares de serviços gerais e comerciantes varejistas. Além disso, entre aqueles sem vínculo profissional, estudantes e mulheres dedicadas exclusivamente às tarefas domésticas foram os mais destacados. E os casos femininos apresentaram percentual bastante elevado de tentativas por auto intoxicação voluntária, com uso de medicamentos (60,5%) e por substâncias nocivas (pesticidas), com 25,5% dos casos.

Esses dados apontam para a necessidade de uma investigação mais aprofundada sobre os papéis de gênero, o desemprego e os diferentes métodos de suicídio tipicamente utilizados por homens e mulheres. Notavelmente, os homens tendem a empregar meios mais letais, como enforcamento e armas de fogo. Uma análise detalhada desses aspectos pode contribuir para a

elaboração de estratégias de prevenção mais eficazes e direcionadas às necessidades específicas de cada grupo de risco.

#### **4.4 Agrotóxicos e suicídio**

A revisão do material selecionado revelou a preponderância das conjecturas acerca dos efeitos da exposição prolongada ao longo da vida laboral aos agrotóxicos na saúde dos trabalhadores rurais, bem como sua possível correlação com as alterações neuroquímicas e o fenômeno do suicídio (Pires et al., 2005a; Pires et al., 2005b; Polastro, 2005; Fontoura Junior, 2009; Chrisman, 2012; Veiga, 2014; Borges, 2016; Machado, 2018; Martins, 2018; Costa, 2018; Côrte, 2019; Neves et al., 2020; Gonzaga et al., 2021; Santos, 2021; Oliboni et al., 2023).

Buscando identificar e caracterizar o perfil das populações intoxicadas por agrotóxicos no Paraná, durante o período de 1993 a 2000, Polastro (2005) encontrou que a maioria das intoxicações ocorreu durante atividades profissionais (53,1%), com os inseticidas sendo os principais agentes causadores tanto das intoxicações (37,9%) quanto dos óbitos (42%). As áreas rurais apresentaram a maior incidência de casos (65%), principalmente entre aqueles envolvidos em atividades agrícolas (63%). Para os casos de suicídio, a via predominante foi a digestiva, afetando 95,7% dos casos relatados, sendo os organofosforados (inseticidas) os principais agentes causadores de intoxicações e óbitos.

A predominância dos organofosforados pode ser atribuída ao fato de que os agrotóxicos desse grupo consistem em ingredientes ativos mais antigos, como o paration metílico, methamidophos e malathion, além de serem produtos comercialmente acessíveis. Estes compostos pertencem às classes toxicológicas extremamente (classe I) e altamente tóxicas (classe II) em comparação com agrotóxicos de formulações mais recentes, que geralmente são menos tóxicos e, conseqüentemente, mais caros (Polastro, 2005).

Além de Polastro (2005), outros autores, como Fontoura Junior (2009), Martins (2018) e Côrte (2019), também apontam pesquisas que fazem alusão aos efeitos crônicos advindos da exposição aos agrotóxicos, especialmente os pertencentes ao grupo químico dos organofosforados. Supõe-se que esse grupo químico tenha potencial causador de distúrbios neurocomportamentais, como a ansiedade e a depressão, podendo levar o indivíduo e/ou o grupo exposto ou intoxicado pelo agrotóxico ao suicídio.

O estudo epidemiológico de Fontoura Junior (2009) para identificar a ocorrência de intoxicações por agrotóxicos, no Mato Grosso do Sul, no período 2001-2007, encontrou que a classe dos inseticidas foi responsável por maior parte das intoxicações, pelos óbitos por acidente de trabalho e tentativas de suicídio. A prevalência do grupo químico dos organofosforados apareceu nos achados da pesquisa, indicando a relação do uso de agrotóxicos no trabalho rural com os casos de suicídio na região.

O autor afirma que a literatura descreve os efeitos nocivos da exposição crônica a químicos, podendo levar a distúrbios no Sistema Nervoso Central (SNC), tais como ansiedade, depressão, irritabilidade, falhas de memória, dificuldade de concentração e outros prejuízos cognitivos. Esses distúrbios no SNC podem conduzir os indivíduos a um estado depressivo devido ao desequilíbrio colinérgico/adrenérgico. Com a inibição da colinesterase no corpo e a exposição crônica aos organofosforados, aumenta-se o risco de depressão, podendo levar a episódios maníaco-depressivos, manifestações de esquizofrenia e tentativas de suicídio (Fontoura Junior, 2009).

A dissertação de Martins (2018), em consonância com a de Côrte (2019), encontrou, entre os casos de intoxicação por agrotóxicos relacionados às tentativas de suicídio no Paraná, uma maior incidência e letalidade na zona rural. A ocupação mais frequente foi a de trabalhadores agropecuários em geral. Embora reconheçam a relação entre a exposição aos agrotóxicos e as neuropatias, Martins (2018) e Côrte (2019) afirmam que o resultado encontrado referente à ocupação profissional é relevante, mas não suficiente para estabelecer uma relação direta entre a atividade ocupacional na agricultura, a exposição aos agrotóxicos e a ideação suicida.

Meyer et al. (2007) investigaram a incidência e as características dos suicídios e das intoxicações por agrotóxicos no município de Luz/MG, além da utilização desses agentes por um grupo de moradores da zona rural. Dos 19 casos de suicídio identificados nos prontuários hospitalares e nos registros civis, 18 eram de trabalhadores rurais do sexo masculino, e o método mais comum, em 57,9% dos casos, foi o envenenamento por agrotóxicos. Surpreendentemente, na fase de testes com os participantes da pesquisa, nenhuma das amostras analisadas apresentou redução nos níveis de atividade da acetilcolinesterase, uma enzima reconhecida como indicadora de intoxicação por organofosforados.

Ademais, Meyer et al. (2007) destacam que as amostras foram coletadas em intervalos de tempo mais longos do que os recomendados após as exposições, o que pode explicar a

ausência de resultados positivos. Também citam a falta de consenso e comprovação entre o uso de agrotóxicos que levam a depressão e ao suicídio, apesar de reconhecerem os efeitos danosos da exposição crônica.

No estudo de Gonzaga et al. (2021), foi investigada a relação entre ideação suicida e a exposição a agrotóxicos. Eles compararam camponeses que estão expostos a agrotóxicos ambientais com aqueles que adotam práticas agroecológicas, sem o uso desses produtos químicos, na região semiárida do norte de Minas Gerais. Os resultados apontam que os camponeses expostos a agrotóxicos, em relação a camponeses envolvidos com práticas agroecológicas, tiveram maiores chances para ideação suicida, consumo problemático de álcool e episódios prévios de intoxicação aguda por agrotóxicos.

Gonzaga et al. (2021) afirmam que a associação entre ideação suicida e intoxicação aguda por agrotóxicos está bem estabelecida na literatura. Ao passo que a relação entre depressão/suicídio com a exposição crônica a agrotóxicos, ou seja, exposição prolongada a baixas doses dessas substâncias apresenta ausência de evidências epidemiológicas robustas. O trabalho deles investigou se a intoxicação crônica por agrotóxicos está ligada à ideação suicida e constatou que a ideação suicida, nos últimos 30 dias, permaneceu associada aos camponeses expostos continuamente a agrotóxicos, independentemente de episódios anteriores de intoxicação aguda.

Os resultados corroboram estudos anteriores nos Estados Unidos que encontraram associações entre transtornos psiquiátricos e exposição crônica a agrotóxicos. A plausibilidade biológica dessa associação é discutida, com destaque para os organofosforados que indicam uma possível relação causal com sintomas depressivos e distúrbios psicoemocionais (Gonzaga et al., 2021).

Por seu turno, Veiga (2014) elaborou orientações e subsídios para o desenvolvimento de ações de Vigilância em Saúde do Trabalhador (VISAT) a populações expostas a agrotóxicos, com o intuito de contribuir para a efetivação dessas ações pelos Centros de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST). Após realizar um levantamento sobre a exposição a agrotóxicos, seus efeitos nocivos à saúde (corroborando com os achados citados anteriormente) e a infraestrutura do município para atenção à população exposta a esses químicos, a autora propôs o seguinte planejamento para a vigilância de ambientes e processos de trabalho agrícola relacionados a agrotóxicos:

- 5 Definição da equipe técnica: Multiprofissional e contato com representações dos trabalhadores e outras áreas de saúde.
- 6 Inspeção sanitária: Identificação da equipe, obtenção de informações sobre a propriedade e suas práticas, especialmente relacionadas a agrotóxicos.
- 7 Elaboração de laudo da vigilância: Documentação dos riscos encontrados e medidas de prevenção.
- 8 Comunicação das ações: Discussão e avaliação das ações com os trabalhadores, responsáveis pela propriedade e órgãos envolvidos.
- 9 Acompanhamento e monitoramento: Garantia da adoção das medidas recomendadas e registro sistemático de dados.
- 10 Outras considerações: Inclusão de agentes de controle de endemias e agentes comunitários de saúde, questões de moradia, diversidade de trabalhadores rurais, acesso aos serviços de saúde, fiscalização das empresas revendedoras de agrotóxicos, entre outros. (Veiga, 2014)

Além disso, a autora destaca a importância da integração das ações de saúde do trabalhador com políticas nacionais como a Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta e a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica. E reitera que o enfrentamento aos agrotóxicos não pode depender somente de ações isoladas do Ministério da Saúde, como vigilância nos ambientes de trabalho ou sensibilização dos profissionais de saúde. É necessário um amplo esclarecimento da sociedade sobre os danos causados pelos agrotóxicos ao meio ambiente e à saúde (Veiga, 2014).

#### **4.6 Condições de vida e trabalho**

Castro e Monteiro (2016) investigaram as vivências de sofrimento e como os fumicultores de Dom Feliciano/RS lidam com adversidades no trabalho, e os resultados apontaram para uma explicação diferente das encontradas em outros estudos, onde o suicídio é associado ao adoecimento psíquico do trabalhador devido à sua exposição crônica aos agrotóxicos. Para eles, “alguns fumicultores apontaram que o endividamento dos produtores leva-os ao desespero, motivando-os a se enforcarem” (p. 803).

Segundo a percepção de alguns fumicultores da pesquisa, os indivíduos que optam pelo suicídio devido ao endividamento são considerados culpados, visto que foram impulsivos e

ambiciosos ao decidirem plantar uma quantidade superior àquela que poderiam colher. Nesse caso, o suicídio estaria ligado diretamente ao endividamento. O uso de agrotóxicos no processo de trabalho aparece nas falas enquanto naturalizado e necessário para o lucro, e as intoxicações também seriam culpa dos trabalhadores que não se protegem e usam em excesso (Castro & Monteiro, 2016).

Costa (2018) aponta que antigamente, a agricultura tratava-se de um modo de vida ou de subsistência em pequenas propriedades, todavia, esse cenário foi reestruturado, a partir da década de 70, com o avanço do agronegócio sob o pretexto de desenvolvimento econômico e melhoria na qualidade de vida da população local,. Essa transformação da cultura modificou os valores do homem no campo, trazendo consigo o ideal da produção voltada para o mercado, o lucro e o acúmulo de bens.

Na tentativa de produzir em maior quantidade e alcançar as metas de qualidade impostas pelas empresas, simbolizando aqui a chefia, os trabalhadores rurais começaram a vivenciar um desnível. Este desnível se reflete tanto na remuneração, já que o trabalhador exerce a função de dois ou mais funcionários e não recebe o equivalente à sua mão-de-obra física e emocional, e com o risco de ser desligado pela empresa caso questione demais:

Deste modo, quando o funcionário não consegue produzir o suficiente para metas exageradas que lhe são impostas pelas empresas, ele se sente “culpado”, “fracassado” e/ou “excluído” do mercado de trabalho. E neste momento que é percebido como a dinâmica posta pelo trabalho pode causar sofrimento ao sujeito (Costa, 2018, p. 81).

Dejours e Bégue (2010) destacam a relação entre o processo de trabalho no sistema capitalista atual e os casos de suicídio. Essa interação complexa é evidente nos números crescentes de distúrbios mentais leves, depressão e suicídio entre os trabalhadores, possivelmente associados à precarização do trabalho, busca pela qualidade total, sofrimento social, desestruturação do viver coletivo e injustiças ambientais. Essas discussões que enfatizam o processo de trabalho como um dos principais determinantes do suicídio ajudam a destacar a necessidade da implementação da vigilância em saúde do trabalhador, com ênfase na saúde mental (COSTA, 2018).

Para Werlang (2013), o meio rural está passando por transformações significativas, adotando características de vida e trabalho anteriormente associadas principalmente ao meio urbano. Essa convergência está enfraquecendo as fronteiras entre os dois ambientes de maneiras

imprevistas. Nesses limites, novas dinâmicas se estabelecem. O cenário rural, tradicionalmente definido por atividades agrícolas, agora se mescla com aspectos urbanos, resultando em uma diversificação de ocupações e atividades não agrícolas. À medida que as revoluções tecnológicas e químicas avançam, o propósito original do meio rural, que era a produção de alimentos para as cidades, se desloca. As fábricas, antes exclusivas das áreas urbanas, agora migram para o campo em busca de mão de obra mais barata, estabelecendo novas relações entre a indústria e os pequenos agricultores. Consequentemente, os trabalhadores rurais se tornam assalariados, integrados ou envolvidos em atividades não agrícolas dentro do meio rural.

Os achados da tese de Werlang (2013) discorrem sobre como esse avanço do capitalismo no campo impulsiona a precariedade do trabalho e com isso, o sofrimento social, que por seu turno, leva ao suicídio. Essa degradação das condições de vida também deteriora a saúde, as condições de trabalho e os vínculos sociais, exacerbando a autoexclusão e autoalienação dos trabalhadores, por vezes fazendo com que as pessoas do meio rural “prefiram” a morte.

No que concerne ao sofrimento dos fumicultores, Borges (2016) identificou várias fontes de sofrimento, incluindo a precariedade das condições de trabalho, a relação desigual com a indústria tabagista, a exploração enfrentada, o receio de empobrecer ou perder o emprego, a falta de apoio e reconhecimento da sociedade e do poder público, além das próprias indústrias de tabaco. No entanto, devido a ser a única fonte de sustento para suas famílias, sentem-se obrigados a suportar essa exploração. Destaca-se a desigualdade na relação com as indústrias tabagistas afeta negativamente a autoestima e saúde, podendo até levar a pensamentos suicidas devido ao endividamento e à falta de garantias a que estão sujeitos:

O processo e organização do trabalho também evidenciaram que a precariedade das condições de trabalho dos agricultores produtores de fumo, a perda da autonomia, descaracterização de sua identidade profissional como agricultor que lhe confere o lugar de conhecedor da terra e do que nela é plantado e colhido, a falta de reconhecimento de seu trabalho, a relação de desigualdade com a indústria do tabaco, a frustração e impossibilidade de planejar ganhos por não ter controle da situação de sua atividade laboral, as dívidas que podem ocorrer em função do sistema ao qual está integrado, dentre muitos outros observados e relatados nesta dissertação que podem igualmente provocar inquietudes, comprometerem a saúde mental, e em alguns casos, com alterações ou não de humor, motivarem e indicarem como solução o desaparecimento da vida através do suicídio. É o desfecho de um trabalho que se tornou vazio, para aquele cujas dores e adoecimentos físicos e mentais passaram silenciosamente ocultos na sociedade que se voltou apenas para a produção capitalista (Borges, 2016, p. 142).

O material exposto nesta pesquisa aponta para um quadro complexo em que a precariedade do trabalho, as transformações socioeconômicas, e as condições desiguais enfrentadas pelos trabalhadores e seus familiares no meio rural, associa-se ao aumento do sofrimento social e dos casos de suicídio, Thiollent e Dorigon (2014, p.382), versando sobre as contribuições de Michèle Salmona, afirmam que:

O que se pode inferir da abordagem do suicídio nas atividades agropecuárias é que não há uma explicação causal simples e única. Por exemplo, é conhecido o fato de que o uso intensivo de agrotóxicos provoca ou agrava diversas doenças. Todavia, na relação do agrotóxico com o suicídio, o primeiro não é isolável de outros fatores, como os da deterioração das relações sociais, econômicas, familiares e psicológicas. Nesse ponto, a postura da autora é de lançar um alerta: é a própria concepção da modernização imposta aos agricultores que explica a deterioração da vida social e não um fator isolado entre outros.

Ademais, a crítica de Salmona abrange diversos aspectos, incluindo a natureza unilateral ou impositiva da relação entre o conhecimento tecnológico moderno, originado nos laboratórios de pesquisa, e os conhecimentos práticos dos produtores adquiridos através da experiência. Surgiu uma incompatibilidade entre a racionalidade buscada pelos especialistas e planejadores de programas de desenvolvimento rural e o conhecimento empírico dos produtores (Thiollent & Dorigon, 2014).

Esse descaso com a experiência própria dos trabalhadores aponta para um princípio importante da Saúde do Trabalhador, inspirado no Modelo Operário Italiano (MOI): a partilha e a valorização dos saberes. Santos et al. (2021) destacam que o MOI nos aproxima de uma experiência que harmoniza teoria e prática, objetividade e subjetividade. Ele também estimula a troca de conhecimentos entre intelectuais, trabalhadores e estudantes, integrando as esferas da ciência e do trabalho. Valoriza-se a importância da elaboração de uma linguagem em comum com esses protagonistas, que possibilite a construção de um conhecimento novo sobre a relação saúde-trabalho; a importância de que essa construção possibilite um desenvolvimento mútuo e formativo desses protagonistas e dos próprios pesquisadores e da ciência; e a importância de reconhecer o outro e seu saber como legítimos.

Dessa forma, inserir a relação do trabalho rural com o ato de pôr fim à própria vida no campo de discussão e intervenção da Saúde do Trabalhador, significa adotar uma conduta diferente daquela simplista e reducionista que se baseia somente na Saúde Ocupacional. Lacaz (2007) aponta os limites da Saúde Ocupacional que interpreta as relações trabalho e saúde-doença a partir da visão cartesiana do corpo como máquina, exposto a vários agentes de risco

no ambiente de trabalho e busca adequar o ambiente ao homem e cada homem à sua função. Essa concepção sobre a relação trabalho e saúde-doença deixa escapar aquilo que a ST procura abarcar: a experiência do trabalhador:

Na medida em que as classes trabalhadoras constituem-se em novo sujeito político e social, conforme sugere o campo Saúde do Trabalhador, este incorpora ideia de trabalhador que difere frontalmente da anterior: passiva, como hospedeiro ou paciente; apreendendo-o como agente de mudanças, com saberes e vivências sobre seu trabalho, compartilhadas coletivamente e, como ator histórico, ele pode intervir e transformar a realidade de trabalho, participando do controle da nocividade; da definição consensual de prioridades de intervenção e da elaboração de estratégias transformadoras (Lacaz, 2007, p. 760).

Destarte, as discussões sobre o suicídio costumam recair sobre a ênfase individual-intrapsíquica, como abordada pela ótica psiquiátrica através dos transtornos mentais envolvidos nos casos, ou sobre a ênfase social, que diz respeito as desigualdades e opressões que o modelo vigente neoliberal organiza a sociedade. De todo modo, deve-se compreender o período histórico do mundo moderno, que preconiza o cálculo, o enquadramento e o controle de todas as coisas, conforme acena Pietrani (2022), inspirada no que Heidegger denominou “era da técnica”:

Pietrani (2019), baseando-se na filosofia heideggeriana, refere-se ao mundo moderno como o mundo da desmedida, onde predomina a lógica da produtividade que, por desconhecer limites, nunca cessa. Desse modo, o homem também é tomado pela marca da compulsividade, guiando seu fazer pela correspondência àquilo que lhe vem ao encontro. Considerando o caráter de desmedida do trabalho vigente, o homem passa a tomar-se também como um ente que vivencia o seu trabalho de forma ilimitada, sem pausas, envolvido exaustivamente com as demandas que lhe chegam. E ao assim proceder, sua medida mais própria para com sua tarefa laboral fica encoberta, gerando dor e sofrimento (p. 100).

Esse modo de conceber o mundo moderno e os fenômenos da vida, como o suicídio, são apreendidos em uma relação de análise, mensuração e previsibilidade, na tentativa de prevenir o ato ao intervir nos aspectos que “causariam” a morte do indivíduo. Não obstante, pode-se encontrar essa lógica nos resultados desta pesquisa, posto que as condições do homem são esquadrihadas em um polo e o contexto do trabalho em outro, buscando calcular, explicar e controlar as variáveis do suicídio relacionado a atividade laboral.

Essas colocações não desconsideram a importância do modelo técnico-científico moderno, visto que esses estudos contribuem para o avanço da questão e são relevantes para a área. O cerne da discussão, pela perspectiva da fenomenologia, é considerar que os estudos da

psicologia sobre a dinâmica entre o ser humano e o trabalho parecem negligenciar as contradições e ambiguidades inerentes à experiência humana e que também se encontram no trabalho, como as aspirações profissionais nem sempre realizadas, motivações laborais variadas e instáveis, conflitos que surgem rotineiramente. O que o pensamento tecnicista da era moderna busca desvendar são os aspectos não realizáveis, mutáveis e paradoxais da vida, através de teorias e análises causais, na tentativa de elucidar os mistérios da existência humana que por vezes transcendem as explicações lógicas comuns (Pietrani, 2022).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão da literatura realizada objetivou identificar os principais fatores associados ao suicídio laboral no meio rural, revelando uma série de aspectos interligados. Questões relacionadas ao uso dos agrotóxicos, tanto no processo de trabalho quanto na exposição indireta, emergiram como elementos significativos. Além disso, a precarização do trabalho, decorrente da "desruralização" do meio rural, tem subjugado os trabalhadores às imposições do mercado agropecuário, exacerbando os desafios enfrentados por eles.

Os aspectos sociais e culturais também se destacaram na análise, com os papéis de gênero e as condições precárias de vida surgindo como fatores relevantes. A compreensão desses elementos é fundamental para desenvolver estratégias eficazes de prevenção e intervenção no contexto do suicídio laboral no meio rural.

Nesse sentido, políticas públicas e iniciativas de saúde mental devem ser direcionadas não apenas para mitigar os impactos dos agrotóxicos e das condições de trabalho adversas, mas também para abordar as questões estruturais que contribuem para a vulnerabilidade dos trabalhadores rurais. Educação, sensibilização e apoio psicossocial são componentes essenciais para promover ambientes de trabalho saudáveis e reduzir os riscos de suicídio laboral, todavia, reforçando que deve-se entrar a relação mais própria do homem com o seu trabalho, para além das normativas e teorias sobre o fenômeno, para assim, pensar em políticas públicas em consonância com o singular.

Além disso, é crucial adotar uma abordagem holística que leve em consideração não apenas os aspectos individuais, mas também os contextos sociais, econômicos e culturais e a experiência própria dos trabalhadores, visto que esses pontos podem influenciar a saúde mental e o bem-estar dos trabalhadores rurais. Somente através de esforços integrados e colaborativos, que não se resumam ao nexo causa e efeito, e tente compreender o contexto histórico e a experiência singular do saber-fazer que escapa ao modelo técnico-científico, será possível enfrentar os desafios complexos associados ao suicídio laboral no meio rural e promover uma melhor qualidade de vida para essas comunidades.

Por fim, é válido pontuar que a metodologia adotada neste trabalho se limitou a três bases de dados e se restringiu aos estudos realizados no Brasil, contemplando apenas o idioma local, logo, deve-se considerar uma vasta margem para novas investigações e estudos mais

amplos, assim como, análises feitas por outros autores. Sem a intenção de esgotar o tema, e sim, reforçar o caráter multifatorial e complexo de se contornar por inteiro quando o assunto é o homem e sua relação com a vida e o trabalho, em um contexto de produção desmedida e exacerbada. Nesse sentido, é fundamental ressaltar que o fenômeno do suicídio no ambiente de trabalho transcende a esfera individual e está intrinsecamente ligado a questões sociais, econômicas e culturais. Portanto, além de considerar a experiência e percepção do indivíduo, é essencial analisar as estruturas sociais que contribuem para o aumento dos índices de suicídio entre trabalhadores. Ainda assim, deve-se buscar compreender aquilo que é mais singular do homem neste mundo e que o mantém na decisão de viver, em meio às complexidades sociais e econômicas que podem estar associadas a saúde e/ou adoecimento.

## 6. REFERÊNCIAS

- BORGES, Vera Lúcia Gomes. **Análise do processo de trabalho de Produtores de tabaco no Brasil e sua possível relação com os casos de suicídios em áreas fumicultoras do país** (Tese de Doutorado), 2016.
- BOTEGA, Neury José. **Crise suicida: avaliação e manejo**. Artmed Editora, 2015.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico: Perfil epidemiológico das tentativas e óbitos por suicídio no Brasil e a rede de atenção à saúde**. Secretaria de Vigilância em Saúde, 2017.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 1.876, de 14 de agosto de 2006**. Institui Diretrizes Nacionais para Prevenção do Suicídio, a ser implantadas em todas as unidades federadas, respeitadas as competências das três esferas de gestão, 2006.
- CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo** (A., Roitman, & P. Watch, trads.). Rio de Janeiro: Record. (Trabalho original publicado em 1942), 2008.
- CASTRO, Laura Silva Peixoto; MONTEIRO, Janine Kieling. Saúde no trabalho de fumicultores do RS: não adoce somente quem fuma, mas também quem planta. **Psicologia em revista**, v. 22, n. 3, p. 790-813, 2016. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/5635>.
- CHRISMAN, Juliana de Rezende. **Mortalidade em agricultores residentes em microrregiões produtoras de soja no Brasil** (Tese de Doutorado), 2012.
- CORSI, Carlos Alexandre Curylofo et al. Vigilância em saúde do trabalhador: o suicídio relacionado ao trabalho. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.** (Ed. port.), Ribeirão Preto, v. 16, n. 4, p. 133-143, dez. 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/smad/v16n4/v16n4a16.pdf>.
- CÔRTE, Ivo Valente. **Ocorrência de suicídio entre trabalhadores em Região de Fronteira** (Dissertação de Mestrado), 2019.
- CORTEZ, Pedro Afonso et al. Suicídio no trabalho: um estudo de revisão da literatura vbrasileira em psicologia. **Rev. Psicol., Organ. Trab.**, Brasília, v. 19, n. 1, p. 523-531, jun. 2019. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-66572019000100003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572019000100003).
- COSTA, V. L. S. **Aspectos socioeconômicos, culturais e ambientais presentes no suicídio de trabalhadores e trabalhadoras inseridos no Agronegócio** (Tese de Doutorado). Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2018.
- DEJOURS, Christophe; BÈGUE, Florence. **Suicídio e Trabalho: o que fazer?** (F., Soudant, trads.). Brasília: Paralelo 15, 2010.
- DREBES, Laila Mayara. **Suicídio de fumicultores familiares: construções de um problema social** (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.
- FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. Suicídio: uma compreensão sob a ótica da psicologia existencial. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 71, n. 1, p. 158-173, 2019. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-52672019000100012&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-52672019000100012&script=sci_arttext).

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de et al. Prevenção do Suicídio: Esquecimento do Ser e Era da Técnica. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, p. e253652, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/b38rswZL8Ym8dzYggv7RNht/>.

FERREIRA, Neci Sena. **Perfil epidemiológico e psicossocial de tentativas de suicídio e de suicídios em Palmas (TO) no período de 2000 a 2009** (Tese de Doutorado), 2013.

FLORENTINO, Eduardo. Perfil epidemiológico dos casos de suicídio na XI Região de Saúde de Pernambuco entre 2011 e 2020. **Saúde em Redes**, v. 8, n. 3, p. 203-220, 2022. Disponível em: <http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/rede-unida/article/view/3826>.

FONTOURA JUNIOR, Eduardo Espíndola. **Aspectos epidemiológicos das intoxicações por agrotóxicos no Mato Grosso do Sul de 2001 a 2007** (Dissertação de Mestrado), 2011. Disponível em: [https://bdt.d.ibict.br/vufind/Record/UNB\\_e8e848cffb7d8afce5875c4bc0f211b5](https://bdt.d.ibict.br/vufind/Record/UNB_e8e848cffb7d8afce5875c4bc0f211b5)

GONÇALVES, Ludmilla RC; GONÇALVES, Eduardo; OLIVEIRA JÚNIOR, Lourival Batista de. Determinantes espaciais e socioeconômicos do suicídio no Brasil: uma abordagem regional. **Nova Economia**, v. 21, p. 281-316, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/neco/a/rNZc9zpMhgq5FfHSTwjbK3n/?lang=pt>.

GONZAGA, Carla Wernecke Padovani; BALDO, Marcelo Perim; CALDEIRA, Antônio Prates. Exposição a agrotóxicos ou práticas agroecológicas: ideação suicida entre camponeses do semiárido no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 4243-4252, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/KLVQwmNjS9x5mbnnHTkMJYF/>.

HECK, Rita Maria. Percepção social sobre categorias de risco do suicídio entre colonos alemães do noroeste do Rio Grande do Sul. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 13, p. 559-567, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/d7dLr6dB9d5kkg4FmvLWqvF/?lang=pt>.

MACEDO, João Paulo et al. Ideação suicida em assentamentos rurais no Piauí. **Revista Psicologia em Pesquisa**, v. 12, n. 3, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa/article/view/23759>.

MACHADO, Meiriane Bürger. **Associação entre exposição a agrotóxicos, depressão e desesperança na população do município de Anahy/PR** (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2018.

MARTINS, Luisa De Sordi Gregório. **Perfil epidemiológico das intoxicações por agrotóxicos relacionadas às tentativas de suicídios no Paraná, de 2007 a 2016** (Tese de doutorado em Saúde Coletiva). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

MENEGAT, Robriane Prosdocimi; FONTANA, Rosane Teresinha. Condições de trabalho do trabalhador rural e sua interface com o risco de adoecimento. **Cienc Cuid Saúde**, v. 9, n. 1, p. 52-9, 2010.

MENEGHEL, Stela Nazareth; MOURA, Rosylaine. Suicídio, cultura e trabalho em município de colonização alemã no sul do Brasil. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 22, p. 1135-1146, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/sMjnnPTFpkZBp3MNTTjmcRN/>

MEYER, Tufi Neder; RESENDE, Ione Lamounier Camargos; ABREU, Juscélio Clemente de. Incidência de suicídios e uso de agrotóxicos por trabalhadores rurais em Luz (MG), Brasil. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 32, p. 24-30, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbso/a/KvZ3jtSmgP9F7vwKGpfGQdF/?lang=pt>.

MOURA, R. **Narrativas sobre suicídio, cultura e trabalho em um município colonizado por alemães** (Tese de Doutorado), 2016.

NEVES, Pedro Dias Mangolini et al. Intoxicação por agrotóxicos agrícolas no estado de Goiás, Brasil, de 2005-2015: análise dos registros nos sistemas oficiais de informação. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 7, p. 2743-2754, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csc/v25n7/1413-8123-csc-25-07-2743.pdf>.

OLIBONI, Keullin Cristian; TRICHES, Rozane Marcia; OLIVEIRA, Abdinardo Moreira Barreto de. Comercialização de agrotóxicos e desfechos de saúde no Estado do Paraná: uma associação não linear. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 33, p. e33014, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/physis/2023.v33/e33014/pt/>.

PIETRANI, Elina Eunice Montechiari. Suicídio e trabalho na era da técnica: um olhar sob a perspectiva fenomenológico-hermenêutica. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 28, n. 1, p. 93-103, 2022. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672022000100010&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672022000100010&script=sci_arttext).

PIRES, Dario Xavier; CALDAS, Eloísa Dutra; RECENA, Maria Celina Piazza. Intoxicações provocadas por agrotóxicos de uso agrícola na microrregião de Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil, no período de 1992 a 2002. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 21, p. 804-814, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/JSLRwhgwGQLRVgXQbmnTbtn/>.

PIRES, Dario Xavier; CALDAS, Eloísa Dutra; RECENA, Maria Celina Piazza. Uso de agrotóxicos e suicídios no Estado do Mato Grosso do Sul, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 21, n. 2, p. 598-604, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csp/v21n2/27.pdf>.

POLASTRO, Dalmo. **Estudo dos casos de intoxicação ocasionadas pelo uso de agrotóxicos no Estado do Paraná, durante o período de 1993 a 2000** (Dissertação de Mestrado), 2005.

SANTOS, Emelyne Gabrielly de Oliveira. **Fatores associados ao pensamento de morte e comportamento suicida entre agricultores do município de Caicó-RN** (Tese de Doutorado), 2021.

SANTOS, Gideon Borges et al. Construção do conhecimento em Saúde do Trabalhador: partilha de saberes e renovação da tradição operária na reedição do MOI. In: VASCONCELLOS, Luiz Carlos Fadel et al. (org). **Saúde do Trabalhador em tempos de desconstrução: caminhos de luta e resistência**. Rio de Janeiro: Cebes, 2021. p.109-112. DOI: 10.5935/978-65-87037-01-1.01. ISBN: 978-65-87037-02-8.

TEIXEIRA, Selena Mesquita de Oliveira; SOUZA, Luana Elayne Cunha; VIANA, Luciana Maria Maia. O suicídio como questão de saúde pública. **Rev. bras. promoç. saúde**, p. 1-3, 2018.

THIOLLENT, Michel Jean-Marie; DORIGON, Clovis. Estudo das condições de vida, trabalho e saúde de produtores rurais: a contribuição de Michèle Salmona. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 16, n. 3, p. 376-387, 2014. Disponível em: <https://www.revista.dae.ufla.br/index.php/ora/article/view/853>.

VEIGA, Roque Manoel Perusso. **Orientações e subsídios para a implantação de ações de vigilância em saúde do trabalhador a populações expostas a agrotóxicos, em setores do agronegócio brasileiro** (Tese de Doutorado), 2014.

WERLANG, Rosangela. **Pra que mexer nisso?: Suicídio e sofrimento social no meio rural** (Tese de Doutorado), 2013.

## APÊNDICE

**Tabela 1** – Autores/ano, objetivos, abordagem/metodologia e principais resultados dos materiais selecionados para análise.

| Autores/Ano                  | Objetivos  | Abordagem/Metodologia   | Principais resultados  |
|------------------------------|--|---|--|
| <b>Oliboni et al. (2023)</b> | Analisar a associação entre a quantidade de comercialização de agrotóxicos e alguns agravos e causas de mortalidade no estado do Paraná no período de 2013 a 2017.   | Realizou-se um comparativo entre as 22 regiões de saúde, identificando a relação entre a taxa de comercialização de agrotóxicos por habitante com as seguintes variáveis: taxa de intoxicações exógenas relacionadas ao trabalho, taxa de intoxicações exógenas por agrotóxicos relacionadas ao trabalho, taxa de tentativas de suicídio e taxas de mortalidade por neoplasias, malformação congênita e suicídio. | A Regional de Saúde de Cascavel se destacou com mais municípios com altas taxas de comercialização de agrotóxicos e desfechos de saúde, ao contrário da Regional de saúde Metropolitana. Observa-se que o perfil dos municípios que têm maiores taxas dos agravos estudados é rural e com produção majoritariamente de soja, milho, trigo, fumo, pastagens e feijão.   |
| <b>Florentino (2022)</b>     | Descrever as características dos casos de óbitos por suicídio nos municípios que compõem a XI Região de Saúde do estado de Pernambuco, no período entre 2011 e 2020. | Pesquisa documental quantitativa, descritiva e retrospectiva, com dados secundários extraídos do Sistema de Informações sobre Mortalidade publicados pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Ministério da Saúde, traçando um perfil epidemiológico através de variáveis sociodemográficas e taxa de mortalidade.   | No período estudado ocorreram 165 óbitos por suicídio na microrregião, o que correspondeu a uma taxa média de 7 mortes por 100 mil habitantes, indicando mortalidade acima das médias comparadas. Identificou-se um perfil suicida majoritário do sexo masculino, faixa etária entre 15 e 34 anos, solteiro, raça/cor parda, trabalhador rural, poucos anos de estudo, provocado em domicílio e enforcamento como método mais utilizado. |

|                              |  |   |  |
|------------------------------|--|---|--|
| <b>Gonzaga et al. (2021)</b> | Analisar a associação entre ideação suicida e exposição a agrotóxicos, comparando camponeses vivendo sob exposição ambiental a agrotóxicos em relação a camponeses envolvidos com práticas agroecológicas, sem o uso de agrotóxicos, no semiárido norte mineiro. | As famílias avaliadas foram amostradas, por conveniência, a partir da prática agrícola a qual estavam vinculadas, e os dados coletados por meio de entrevistas com instrumento previamente validado. Foram realizadas análises bivariadas seguidas de regressão logística. Foram entrevistados 547 camponeses, de ambos os sexos, sendo 311 sob exposição a agrotóxicos.  | Os camponeses expostos a agrotóxicos, em relação a camponeses envolvidos com práticas agroecológicas, tiveram maiores chances para ideação suicida (OR=2,30; IC95% 1,16-4,56), consumo problemático de álcool (OR=2,30; IC95% 1,18-4,48) e episódios prévios de intoxicação aguda por agrotóxicos (OR=8,58; IC95% 2,98-24,72).   |
| <b>Santos (2021)</b>         | Analisar os fatores associados ao pensamento de morte e comportamento suicida em agricultores.   | 1) desenvolveu-se uma revisão sistemática de estudos observacionais sobre os fatores associados ao comportamento suicida em agricultores, com buscas nas bases de dados PubMed, LILACS, Web of Science, Scopus, PsycInfo e CINAHL; 2) estudo transversal, realizado no período de agosto de 2019 a março de 2020, com 450 agricultores de Caicó/Rio Grande do Norte, onde avaliou-se a prevalência de pensamentos de morte e ideação suicida através da The Beck Scale for Suicide Ideation (BSSI), e foram analisadas variáveis sociodemográficas, de saúde, renda, trabalho; 3) estudo caso-controle, a fim de avaliar os pensamentos de morte ou comportamento | Foram incluídos 14 estudos na revisão sistemática, e identificados fatores associados ao comportamento suicida em agricultores na saúde mental (depressão), impactos sazonais (seca) e exposições no trabalho (herbicidas e inseticidas). Na etapa transversal, a prevalência de pensamentos de morte ou ideação suicida foi de 12,4% (IC95% 9,69-15,84). No modelo multivariado final, as variáveis associadas à maior prevalência de PS/IS foram: sexo feminino (RP=3,28), ter diagnóstico de transtorno mental na família (RP=2,37), presença de transtorno mental comum (RP=2,50), uso abusivo do álcool (RP=2,22) e ser assalariado ou temporário (R=1,91). |

|                            |   |   |  |
|----------------------------|---|---|--|
|                            |   | suicida (PS e CS) em que a amostra correspondeu a quatro controles por caso e, para compensar possíveis perdas, aumentou-se 15%, sendo o tamanho final definido em 62 casos e 288 controles.  | No estudo caso-controle observou-se associação positiva e significativa entre OS/CS e ter diagnóstico de transtorno mental na família (OR=2,30), ter transtorno mental comum (OR=3,16), ter realizado previamente tratamento para saúde mental (OR=3,08), realizar trabalho assalariado ou temporário (OR=2,69) e ter tido intoxicação por agrotóxicos (OR=3,34).                                      |
| <b>Neves et al. (2020)</b> | Caracterizar intoxicações por agrotóxicos reportadas a um centro de informação toxicológica de Goiás por meio de análise retrospectiva no período de 2005 a 2015.   | Os dados foram mapeados e tabulados segundo a finalidade dos agrotóxicos, a circunstância da intoxicação, e evolução do caso.   | O perfil das intoxicações apontou para ocorrência superior de intoxicações por tentativa de suicídio e ocupacional, com predominância de cura dos intoxicados apesar dos efeitos crônicos não serem registrados, sugerindo um falso diagnóstico de cura.   |
| <b>Drebes (2019)</b>       | Analisar os processos de construção social de suicídios de fumicultores familiares no Vale do Rio Pardo, Rio Grande do Sul, Brasil, ponderando, particularmente, sobre as interferências de membros das instituições sociais família, comunidade, agroindústria fumageira, extensão rural, saúde pública, igreja cristã, imprensa regional e organização não governamental especializada na prevenção de suicídios. | O estudo baseia-se no construtivismo estruturalista de Pierre Bourdieu, concentrando-se na forma como os suicídios entre os fumicultores familiares são socialmente construídos através da interação entre fatores externos e internos. A pesquisa qualitativa foi realizada como um estudo de caso em um município do Vale do Rio Pardo. Os dados foram coletados por meio de bibliografias, documentos, entrevistas e | Os resultados destacam a contribuição da Sociologia em desnaturalizar o fenômeno do suicídio entre os fumicultores familiares, evidenciando suas complexas influências sociais em contraste com abordagens meramente biológicas. A Sociologia Rural enfrentou desafios na integração do suicídio, principalmente devido à dicotomia entre áreas rurais e urbanas. As famílias de fumicultores, guiadas |

|                     |  |  |  |
|---------------------|--|--|--|
|                     |  | <p>observações, sendo as entrevistas semiestruturadas o principal instrumento de coleta de dados.</p>  | <p>por valores econômicos e de trabalho, enfrentam adversidades que, em circunstâncias adversas, podem levar ao sofrimento social e, em casos extremos, ao suicídio, especialmente entre os homens. A indústria do tabaco tende a atribuir os suicídios a problemas de saúde individuais, ignorando conexões com condições de trabalho e sofrimento. A diversificação produtiva, incentivada por extensionistas rurais, causou uma crise identitária entre os fumicultores, gerando sofrimento social. Agentes de saúde pública enfrentam desafios para desnaturalizar os riscos ocupacionais na fumicultura. Autoridades religiosas atuam no acolhimento, enquanto a imprensa regional evita noticiar casos de suicídio, contribuindo para o encobrimento do problema. Voluntários de ONGs enfrentam obstáculos para alcançar áreas rurais devido à infraestrutura deficiente e características dos fumicultores.</p> |
| <b>Côrte (2019)</b> | <p>Analisar possíveis relações entre exposição a agrotóxicos e ocorrência de suicídio entre trabalhadores nos municípios paranaenses de Vera</p> | <p>Abordagem mista, exploratória e descritiva, integrando dados quantitativos e qualitativos. A coleta de informações foi realizada em três fontes principais: o</p> | <p>Entre os resultados, destaca-se que a maioria, correspondendo a 87,5%, era do sexo masculino, com 75% situados na faixa etária de 31 a 60 anos. Cerca</p>   |

|                             |  |  |  |
|-----------------------------|--|--|--|
|                             | Cruz do Oeste e Missal no período de 2005 a 2016   | Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde, Declarações de Óbito e entrevistas em profundidade com familiares de indivíduos que cometeram suicídio.   | de 56,25% estavam envolvidos na agricultura, 75% eram casados, 81,25% seguiam a religião católica, e 56,25% residiam em áreas rurais. Quanto à educação, 81,25% possuíam ensino fundamental completo ou incompleto. O método predominante de autoprovar a morte foi o enforcamento, adotado por 81,25% dos casos. O alcoolismo foi o problema de saúde mental mais citado, presente em 56,25% dos casos. Da mesma forma, 56,25% dos informantes afirmaram que os suicidas tiveram exposição direta a agrotóxicos ao longo da vida, incluindo dois casos com intoxicação aguda grave. |
| <b>Macedo et al. (2018)</b> | Investigar possíveis casos de ideação suicida em áreas de assentamentos rurais no Piauí  | Estudo de corte transversal em dois assentamentos rurais, por meio de questionário sociodemográfico e o instrumento Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20).   | Os resultados evidenciaram relação do indicativo de pensamentos suicidas com pessoas do sexo feminino, número de filhos, ocupação dona de casa e presença de transtorno mental comum.  |
| <b>Costa (2018)</b>         | Compreender os aspectos socioeconômicos, culturais e ambientais presentes no suicídio de trabalhadores e trabalhadoras inseridos no agronegócio e suas implicações para as práticas de vigilância e proteção da saúde. | Pesquisa exploratória com abordagem qualitativa, na qual foram levantados dados de suicídio do Mato Grosso através do SIM, dos municípios de estudo, que tem grande produção agrícola, através do Inquérito de Morbidade Autorreferida, onde | Os aspectos relacionados que foram identificados nos casos de suicídio foram divididos em três blocos: (a) socioeconômicos em que foram reconhecidas as condições de trabalho precarizado, migração por necessidade de   |

|                       |  |   |  |
|-----------------------|--|---|--|
|                       |  | foram localizados os casos de suicídio para a realização da autopsia psicossocial com os informantes.   | subsistência, trabalho abusivo, trabalho juvenil, dependência química (alcoolismo), falta de acesso a lazer e serviços de saúde, ausência de suporte das empresas para acompanhamento em saúde mental; (b) culturais onde se perceberam conflitos familiares, isolamento social, separação conjugal recente, machismo e patriarcalismo, explicações mágico-religiosas das influências para o suicídio, discriminação e resistência à atenção psicossocial/psicológica/psiquiátrica, a cultura do agronegócio que domina o território e silencia os casos de doenças mentais e suicídio; (c) ambientais no qual ressalta-se a exposição aos agrotóxicos, intoxicação por agrotóxicos, cidades de pequeno/médio porte com forte controle social e proximidade das plantações com as residências, escolas e comércio. |
| <b>Martins (2018)</b> | Caracterizar a epidemiologia dos casos de intoxicação por agrotóxicos relacionados às tentativas de suicídio no Paraná e as análises da incidência e da comercialização de agrotóxicos em seus municípios. | Estudo observacional ecológico, conduzido por meio da análise dos casos confirmados de tentativa de suicídio com emprego de agrotóxicos de uso agrícola no Paraná, constantes no Sistema de Agravos de Notificação (SINAN), de 2007 a 2016. | Maior frequência de casos na zona urbana/periurbana, para o sexo masculino, cor branca e ensino fundamental incompleto. A ocupação mais frequente foi a de trabalhadores agropecuários em geral. A incidência e letalidade dos casos   |

|                       |   |   |   |
|-----------------------|---|---|---|
|                       |   |   | foram significativamente maiores na zona rural. A mesorregião Norte-Central concentrou os municípios de maiores incidências e as mesorregiões Centro-Ocidental, Centro-Sul e Oeste os maiores volumes de comercialização de agrotóxicos. O glifosato e o aldicarbe foram os ingredientes ativos de maior frequência nos casos de intoxicação.   |
| <b>Machado (2018)</b> | Identificar a associação entre exposição a agrotóxicos, depressão e risco para suicídio no futuro em indivíduos em tratamento para depressão, adstritos à Unidade Básica de Saúde do município de Anahy/PR. | Estudo de caráter documental, transversal, descritivo, com abordagem quantitativa. Desenvolvido por meio da aplicação de quatro instrumentos: Escalas de Beck (Inventário de Depressão de Beck e Escala de Desesperança de Beck), Ficha familiar de exposição ocupacional a agrotóxicos e Instrumento para avaliação do perfil socioeconômico e de saúde. A coleta de dados foi realizada no período de março a julho de 2018, contemplou as etapas de seleção de usuários através da análise de relatório de distribuição de antidepressivos e de prontuários e realização de entrevistas. Foram analisados 182 prontuários de | Foram detectados, de acordo com escore do Inventário de Depressão de Beck (BDI), 17,8% (5) sujeitos com depressão grave, 25% (7) com depressão moderada, 35,7% (10) com depressão leve e 21,4% (6) com depressão mínima. De acordo com os escores da Escala de Desesperança de Beck (BHS), foram 21,4% (6) com risco para suicídio no futuro. Em relação à variável exposição a agrotóxicos, 100% (28) dos indivíduos tiveram exposição direta ou indireta a agrotóxicos, em média por 23 anos. |

|                                     |  |  |   |
|-------------------------------------|--|--|---|
|                                     |  | pacientes que faziam uso de antidepressivos. Nesses prontuários foi possível identificar 32 sujeitos com diagnóstico médico de depressão, maiores de 18 anos, dos quais 28 foram entrevistados, compondo a amostra da pesquisa   |   |
| <b>Castro &amp; Monteiro (2016)</b> | Investigar as vivências de sofrimento e como os fumicultores lidam com adversidades no trabalho.   | Participaram do estudo 15 fumicultores de Dom Feliciano-RS. O instrumento empregado foi a técnica dos grupos focais. No exame dos dados, realizou-se a análise de conteúdo, definindo categorias a priori com base na abordagem teórica da psicodinâmica do trabalho dejouriana.                                 | O não reconhecimento, remuneração baixa e instável, condições laborais danosas e sobrecarga de trabalho foram destacados como elementos desencadeadores do sofrimento. Muitos trabalhadores, mesmo cientes da sua exploração, responsabilizam-se individualmente pela maioria dos seus atos. E vivenciam desavenças familiares, drogadição, trabalho infantil e suicídio.                                       |
| <b>Borges (2016)</b>                | Analisar o processo de trabalho relacionado ao cultivo de tabaco no Brasil, com vistas a identificar elementos que possam estar associados aos casos de suicídios em municípios produtores de tabaco no sul do país - Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, e do Nordeste Alagoas, Bahia e Sergipe. | Na primeira etapa foi analisado o processo de trabalho na produção de fumo no Brasil, e na segunda etapa foram analisadas ocorrências dos suicídios (IBGE e DATASUS) em 52 municípios produtores e 52 não produtores de fumo que compartilhassem características e indicadores sociais e econômicos semelhantes. | Foram encontrados no período de 2004 a 2013, um total de 1.247 registros de suicídios nos municípios fumicultores, caracterizados nesta pesquisa, e 837 registros de suicídios nos municípios não fumicultores no mesmo período. Os resultados dessa pesquisa oferecem elementos como contribuição aos artigos 17, 18 e 20 da Convenção-Quadro para Controle do Tabaco, que prevê atenção ao cultivo do tabaco, |

|                     |   |  |  |
|---------------------|---|--|--|
|                     |   |  | proteção do meio ambiente e à saúde das pessoas; e pesquisa, vigilância e intercâmbio de informação, respectivamente.  |
| <b>Moura (2016)</b> | Compreender o suicídio em um município colonizado por alemães.  | Estudo de caso de metodologia mista combinando abordagens quantitativa e qualitativa. O cenário da pesquisa foi Santa Cruz do Sul, importante núcleo de colonização alemã no Rio Grande do Sul que registra taxas de suicídio historicamente elevadas. As informações primárias derivaram das narrativas de 16 informantes-chave, indivíduos que residem e atuam nos setores jurídico, trabalho, saúde, educação, religião e comunicação no município. As informações secundárias originaram-se do DATASUS e de Declarações de Óbito de 2003 a 2014. | Encontrou-se: 227 suicídios, média de 19 suicídios/ano, maior frequência em maio e novembro, taxas padronizadas entre 7 a 28/100.000 (45/100.000 masculina e 8/100.000 feminina) com razão de masculinidade de 5,2. Mortalidade proporcional média de suicídios 2,2% e de homicídios 2,1%. Todos os indicadores de suicídio do município acima dos estaduais e nacionais. A maioria eram homens (82%), brancos (89%), 45 a 59 anos (32%), baixa escolaridade (37%), viviam só (52%), agricultores (26%) e industriários (16%) através de enforcamento no domicílio (70%). Maior frequência na cidade (69%), mas maior risco na zona rural (RR= 3,5). Destacaram-se nas narrativas os temas: “o espírito alemão”, “o trabalho que mata” e “os caminhos da prevenção”. |
| <b>Veiga (2014)</b> | Elaborar orientações e subsídios para o desenvolvimento de ações de Vigilância em Saúde do Trabalhador a populações expostas a agrotóxicos, com o | Pesquisa foi de cunho qualitativo, buscando compreender o sentido que os atores atribuem às relações sociais em que se encontram envolvidos, através de  | Foram reunidas informações sobre a exposição a agrotóxicos, seus efeitos nocivos à saúde e a infraestrutura do município para  |

|                        |   |  |   |
|------------------------|---|--|---|
|                        | intuito de contribuir para a efetivação dessas ações pelos Centros de Referência em Saúde do Trabalhador rurais.  | questionários, de modo a subsidiar a interpretação e reflexão das questões investigadas. Utilizando a análise temática, foram comparadas as informações, experiências e percepções dos sujeitos situados em lugares sociais distintos, a fim de apreender semelhanças e diferenças nos seus próprios discursos.  | atenção à população exposta a esses químicos. A partir do diagnóstico das informações e, sobretudo, das necessidades de capacitação expressas no levantamento realizado - junto aos técnicos do Centro de Primavera de Leste e outros profissionais de saúde - encontram-se elementos suficientes para subsidiar diversas propostas de formação.  |
| <b>Ferreira (2013)</b> | Descrever e analisar o perfil epidemiológico e psicossocial dos suicídios e das tentativas de suicídio, ocorridos no período de 2000 a 2009, entre moradores da cidade Palmas (TO). Caracterizar os indicadores sociodemográficos e aspectos psicossociais envolvidos nos atos suicidas e nas tentativas. | Estudo descritivo do tipo retrospectivo. As informações foram colhidas por meio de dados secundários e entrevistas de autópsia psicossocial realizadas com familiares e/ou amigos das vítimas (nos suicídios) e com as próprias pessoas (nas tentativas de suicídio). O estudo considerou o perímetro urbano da cidade, dividido em quatro regiões:<br>Região-1 corresponde ao Plano Diretor Sul; Região-2 representa o Plano Diretor Norte; Região-3 compreende os bairros da Região Sul e a Região-4 o distrito de Taquaruçu, Zona Rural e entorno. A população do estudo foi composta por 284 casos. Foram realizadas 94 entrevistas (24 de suicídios e 70 de tentativas) | A proporção de suicídios foi de 3,3 masculinos para um feminino e nas tentativas, de 2,2 femininas para uma masculina. As características socioeconômicas se assemelham às identificadas em outras pesquisas. O enforcamento foi o método mais utilizado pelos homens, as mulheres utilizaram mais a autointoxicação. Pessoas brancas e pardas, com 5 a 8 anos de estudo (homens) e 1 a 4 anos (mulheres), que residiam na Região 3, cometeram mais suicídios. As tentativas de suicídio ocorreram nas faixas etárias de 20 e 29 anos (ambos os sexos), de 30 a 39 anos (homens) e de 15 a 19 anos (mulheres), preferencialmente entre solteiros, de cor parda e residentes na Região 1, com ensino |

|                       |  |   |  |
|-----------------------|--|---|--|
|                       |  |   | <p>médio ou superior incompleto. Os fatores de riscos identificados foram: transtornos mentais, uso do álcool e outras drogas, desajustes nos relacionamentos familiares, tentativas prévias, condições desfavoráveis de trabalho, história familiar de suicídio, migração, violência intrafamiliar, doenças físicas incapacitantes e dificuldades relacionadas ao trabalho ou escola. Nas autópsias psicossociais obteve-se que 29% dos indivíduos trabalhavam na informalidade, 33% tinham vínculo formal e 33% não exerciam atividades profissionais.</p> |
| <b>Werlang (2013)</b> | <p>Verificar se as transformações sociais e econômicas no meio rural poderiam estar gerando situações de precariedade acentuada, conduzindo à prática suicida.</p> | <p>Utilizou-se a triangulação metodológica, tanto no que condiz à coleta de dados quanto à sua análise. Os dados foram coletados junto ao Sistema de Informações sobre Mortalidade do Ministério da Saúde do Brasil (SIM/DATASUS), através dos Inquéritos Policiais abertos por ocasião da morte por suicídio e, por fim, por meio da necropsia verbal. Para a análise dos dados foi utilizada a estatística descritiva, por meio da análise de distribuição de frequência, a</p> | <p>O avanço dos modelos de desenvolvimento econômico e a incitação econômica a que os pequenos agricultores foram expostos nos últimos anos têm se refletido sobre seus modos de vida. Assim, novas formas de trabalho emergem no campo, seja através da pluriatividade, seja através da integração com a indústria. O rural cada vez menos é sinônimo de agrícola e, neste sentido, o cenário instaurado é de precariedade. Tal precariedade, por sua vez, tem gerado a perda dos objetos sociais que produzem</p>  |

|                        |  |  |   |
|------------------------|--|--|---|
|                        |  | hermenêutica-dialética e a história de vida  | sofrimento: sofrimento que permite viver, sofrimento que impede de viver e sofrimento que impede de sofrer o próprio sofrimento. Estas duas últimas dimensões do sofrimento são potencialmente causadoras de processos de autoexclusão e de autoalienação que acabam, não raras vezes, produzindo o suicídio ou produzindo sociopatologias cuja procedência encontra-se no cerne do próprio avanço capitalista no meio rural.   |
| <b>Chrisman (2012)</b> | Avaliar a mortalidade por suicídio e câncer entre os trabalhadores agrícolas residentes em microrregiões de intensa produção de soja, em relação à mortalidade de três populações de referência: população não agrícola residente na mesma área, trabalhadores agrícolas e população não agrícola residente em microrregiões não produtoras de soja. | Estudo epidemiológico com delineamento transversal em trabalhadores agrícolas durante o período de 1995 a 2006. A população de estudo consistiu nos residentes das 302 microrregiões selecionadas para este estudo que tiveram como causa de óbito declarada suicídio ou algumas neoplasias específicas que estão relacionadas à exposição aos agrotóxicos no período de 1996 a 2005. Os participantes do estudo foram classificados segundo a ocupação informada no atestado de óbito e calculou-se a chance de morte em agricultores (códigos 600 a 632) e a chance de morte em não agricultores. As informações sobre a mortalidade foram | Observou-se que agricultores residentes em regiões de intensa produção de soja apresentaram um maior risco de morrer por suicídio, quando comparados com as três populações de referência. A análise estratificada por sexo e idade, mostrou que o maior risco de morte por suicídio ocorreu entre os agricultores jovens do sexo masculino (10 a 19 anos) quando comparados aos não agricultores que vivem em microrregiões que não produzem soja (RCM: 3,17; IC95%: 2,31- 4,24). Já mulheres trabalhadoras rurais apresentaram maior risco na idade de 40 a 59 anos, quando comparados com a população não agrícola que também vivem em |

|                               |  |   |  |
|-------------------------------|--|---|--|
|                               |  | obtidas junto ao Sistema de Informação de Mortalidade do Ministério da Saúde (SIM- DATASUS), este sistema utiliza no período estudado a décima versão da Classificação Internacional de Doenças (CID-10)  | microrregiões que não produzem soja (RCM: 5,53 IC 95%: 5,01-6,10).   |
| <b>Fontoura Junior (2009)</b> | Identificar a ocorrência de intoxicações por agrotóxicos, notificadas pelo Centro Integrado de Vigilância Toxicológica do Estado de Mato Grosso do Sul, no período 2001-2007.                            | Estudo epidemiológico, descritivo e retrospectivo, desenvolvido através da coleta de dados secundários nas fichas de investigação de intoxicações por agrotóxicos.  | A classe dos inseticidas foi responsável por 67,7% do total de casos de intoxicação nas zonas de moradia. Dentre as notificações, 13,6% dos casos de óbitos ocorreram por acidente laboral e 86,4% por tentativa de suicídio, sendo que 27,6% eram do sexo feminino e 72,4% masculino. A faixa etária que apresentou maior incidência está entre 20-29 anos. O uso de organofosforados foi responsável por 52,7% dos casos de intoxicação, sendo que 63,5% dos casos ocorreram pela via oral e 71,6% dos casos necessitaram de internação. |
| <b>Meyer et al. (2007)</b>    | Avaliar a incidência e as características de suicídios e das intoxicações por agrotóxicos no município de Luz, bem como a situação da utilização desses agentes por um grupo de moradores da zona rural. | Estudo descritivo com 50 moradores de uma micro-região, entrevistados mediante questionário. Realizaram-se dosagens de acetilcolinesterase, gama-glutamilttransferase (GGT), transaminase glutâmico-oxalacética (TGO) e transaminase glutâmico-pirúvica (TGP) no soro e pesquisas nos | A pesquisa nos prontuários e no cartório permitiu verificar a ocorrência de 8,1 atendimentos/mês de casos de intoxicação por agrotóxicos, sendo 19 suicídios (22,6/100.000 hab./ano) no período. Desses, 18 eram trabalhadores rurais do sexo masculino. O mecanismo de suicídio   |

|                        |  |  |  |
|------------------------|--|--|--|
|                        |  | <p>prontuários hospitalares e no cartório do registro civil, estudando-se os casos de suicídios entre os anos de 2000 e 2004</p>   | <p>foi, em 57,9% dos casos, envenenamento com agrotóxicos. Dos entrevistados, 98% relataram usar regularmente agrotóxicos, 72% não utilizaram nenhum equipamento de proteção, 56% nunca leram as bulas e 40% afirmaram ter tido intoxicação.</p>   |
| <b>Polastro (2005)</b> | <p>Identificar e caracterizar o perfil das populações intoxicadas por agrotóxicos no Estado do Paraná, durante o período de 1993 a 2000 e propor medidas que visem diminuir os prejuízos às populações expostas.</p> | <p>Foram analisadas as intoxicações agudas notificadas durante o período de 1993 a 2000, referentes ao banco de dados fornecido pela Secretaria Estadual da Saúde. As intoxicações foram analisadas segundo as seguintes variáveis: sexo, idade, local de ocorrência, via de contaminação, ocupação, evolução final (cura ou óbito), classe e grupo químico dos agrotóxicos. Após a tabulação dos dados, as variáveis foram relacionadas aos Núcleos Regionais que compõe a Secretaria de Estado da Agricultura do Paraná e as intoxicações foram correlacionadas às áreas de seis grupos de cultivos (frutas, culturas de inverno e verão, olerícolas, olerícolas grandes e outros cultivos).</p> | <p>Os resultados do estudo apontaram que a maior parte das intoxicações ocorreu em atividades relacionadas à causa profissional (53,1%), tendo sido os inseticidas os agentes causadores da maioria das intoxicações (37,9%) e óbitos (42%). A maioria dos intoxicados foram indivíduos do sexo masculino (79,8%), sendo a faixa de idade compreendida entre os 18 e 23 anos, onde ocorreram o maior número de intoxicações (21,2%) e óbitos (15,8%). O maior percentual de óbitos ocorreu mediante a tentativa de suicídio (86%), principalmente na faixa de idade entre 18 e 23 anos (16,1%). Foi na zona rural onde se deu o maior número de ocorrências (65%), em indivíduos ligados a ocupação agrícola (63%). As principais vias de contaminação, para a causa profissional foram a via respiratória com</p> |

|                            |  |  |   |
|----------------------------|--|--|---|
|                            |  |  | 58,3% dos casos e suas combinações com as demais vias (82,2%). Para a causa suicídio a via prioritária foi a digestiva, tendo atingido 95,7% dos casos notificados. A região norte (composta pelos núcleos regionais de Apucarana, Cornélio Procópio, Ivaiporã, Jacarezinho, Londrina e Maringá) deteve o maior número de ocorrências de intoxicações (43,1%) e óbitos (37%), sendo os organofosforados os maiores responsáveis por ambas.  |
| <b>Pires et al. (2005)</b> | Avaliar prevalências das tentativas de suicídio provocadas pela exposição a agrotóxicos de uso agrícola no Estado do Mato Grosso do Sul, Brasil, ocorridas entre janeiro 1992 a dezembro 2002. | Utilizou-se os registros das notificações de intoxicação do Centro Integrado de Vigilância Toxicológica da Secretaria de Saúde do Estado. Dados populacionais e de produção agrícola foram obtidos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, e dados de suicídio por causas diversas da Secretaria de Estado de Saúde. | Foram registradas 1.355 notificações de intoxicação, sendo 506 tentativas de suicídio que levaram a 139 óbitos. As microrregiões de Campo Grande e Dourados apresentam as maiores prevalências de tentativas de suicídio. Alta prevalência de suicídios por causas diversas também foi observada em Dourados, com uma tendência de crescimento nos últimos dez anos. Os resultados deste estudo indicaram a microrregião de Dourados como uma das mais críticas do Estado do Mato Grosso do Sul com relação à ingestão voluntária de agrotóxicos. |
| <b>Pires et al. (2005)</b> | Avaliar notificações de intoxicações e   | Baseando-se nos registros do Centro  | Foram notificadas 475 ocorrências no  |

|                    |   |  |   |
|--------------------|---|--|---|
|                    | tentativas de suicídio provocadas por agrotóxicos na microrregião de Dourados, Mato Grosso do Sul, entre 1992 e 20022.  | Integrado de Vigilância Toxicológica da Secretaria de Saúde do estado.   | período, sendo 261 intoxicações (acidental ou ocupacional), 203 tentativas de suicídio e 11 eventos de causa indeterminada. Correlações significativas foram encontradas entre intoxicação e tentativa de suicídio ( $r = 0,60$ ; $p < 0,05$ ), e entre intoxicação e razão entre a área ocupada por culturas temporárias e área total do município ( $r = 0,68$ ; $p < 0,05$ ). As intoxicações ocorreram predominantemente com homens (87,0%), mas a diferença entre tentativas de suicídio em homens e mulheres não foi acentuada (53,0 e 47,0%, respectivamente). |
| <b>Heck (2004)</b> | Contribuir para compreensão mais abrangente de como Indivíduos pertencentes ao meio rural descendentes de alemães, que se autoneameiam colonos, identificam, explicam e lidam com o problema mental que envolve o suicídio. | O trabalho consistiu em uma etnografia na qual foram utilizadas diferentes técnicas de pesquisa. A observação participante aconteceu mais intensamente nos domicílios de 18 famílias residentes no território rural. Para aprofundar e objetivar a questão do suicídio utilizou-se também a entrevista semiestruturada individual com informantes-chave. A análise de dados no estudo etnográfico é cumulativa e contínua sendo imprescindível a vivência do pesquisador no grupo durante a coleta dos dados que, no nosso | A abordagem da Antropologia da Saúde possibilitou que através de narrativas da diferenciação “doença dos nervos” se chegasse à categoria de risco de suicídio. A compreensão do contexto de vida é indispensável para que os profissionais do sistema de cuidado de saúde tenham uma intervenção de credibilidade para com este grupo de colonos.   |

|  |  |  |  |
|--|--|--|--|
|  |  | estudo, se deu através das técnicas de observação participante, entrevista e validação em grupos focais. |  |
|--|--|--|--|

Fonte: autoria própria.